



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ – MACAÉ

INSTITUTO DE ENFERMAGEM



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ - MACAÉ

INSTITUTO DE ENFERMAGEM

DIEGO LIMA DE OLIVEIRA

**ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19:
UM OLHAR SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS, INTERSECCIONALIDADE E
INTERIORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Macaé - RJ

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ – MACAÉ

INSTITUTO DE ENFERMAGEM



DIEGO LIMA DE OLIVEIRA

**ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19:
UM OLHAR SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS, INTERSECCIONALIDADE E
INTERIORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Enfermagem do Instituto de Enfermagem, Centro Multidisciplinar UFRJ - Macaé, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Tiago Oliveira de Souza
Coorientadora: Thamires Monteiro de Medeiros

Macaé - RJ

2022



CIP - Catalogação na Publicação

O48

Oliveira, Diego Lima de

Estudantes de enfermagem e impactos da pandemia da COVID-19: um olhar sobre políticas públicas, interseccionalidade e interiorização da educação superior / Diego Lima de Oliveira - Macaé, 2022.

43

f.

Orientador(a): Tiago Oliveira de Souza.

Coorientador(a): Thamires Monteiro de Medeiros

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Enfermagem, Bacharel em Enfermagem e Obstetrícia, 2022.

1. Estudantes de enfermagem. 2. COVID-19. 3. Ensino superior.
4. Políticas públicas. 5. Interseccionalidade. I. Souza, Tiago Oliveira de orient.
II. Medeiros, Thamires Monteiro de. III. Título.

CDD 610

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

Biblioteca Central do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé
Bibliotecário: Anderson dos Santos Guarino CRB7 – 5280



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ – MACAÉ

INSTITUTO DE ENFERMAGEM



ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19: UM
OLHAR SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS, INTERSECCIONALIDADE E
INTERIORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

DIEGO LIMA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Enfermagem do Instituto de Enfermagem, Centro Multidisciplinar UFRJ - Macaé da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Apresentado e APROVADO em: 14 de dezembro de 2022

Comissão Avaliadora:

Prof.º. Dr.º. Tiago Oliveira De Souza
Orientador

Prof.ª. Dr.ª. Inês Leoneza De Souza
1º Avaliadora

Prof.º. Dr.º Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets
2º Avaliador

Prof.ª. Dr.ª. Fernanda Teles Morais Do Nascimento
1º Suplente

Prof.ª. Dr.ª. Flávia Farias Lima
2º Suplente

Macaé - RJ



Dedico este trabalho em memória ao Zé do Bar, meu pai, José Ferreira de Oliveira. Dedico também para Dona Cila, minha mãe, Lucilia Diana da Silva, ambos trabalhadores e comerciantes autônomos que através do comércio de família e da quebrada “Bar e Merceria Estrela Branca” conseguiram investir e incentivar na minha dedicação aos estudos. Também dedico à toda minha família, que vem de uma longa jornada de lutas por moradia na região do ABC Paulista na década de 70, que me ensinaram a não sucumbir em meio às diversidades, onde aprendi a sobreviver no inferno, através do amor e da força das mulheres que carregam a história e o esperar de toda minha família.



AGRADECIMENTOS

*“Deus me livre de ter medo agora
Depois que eu já me joguei no mundo
Deus me livre de ter medo agora
Depois que eu já pus os pés no fundo
Se você cair, não tenha medo
O mundo é fundo”
Gilberto Gil*

Agradeço aos meus pais, irmãs Sandra, Ivânia, Alex, Kelvia, Letícia e Rafaela e sobrinhas Jully, Maria Clara, Rayssa, Eloiza e João Paulo por todo apoio que conduziu meus passos para iniciar e concluir essa jornada com mais de 600km de distância de toda minha base, o processo de sair de casa e de Estado só foram possíveis porque vocês acreditaram nos meus sonhos, mesmo quando eu não sabia afinal qual era os meus sonhos. Agradeço à memória da minha mãe biológica Soraia de Paula Lima que deu a luz à mim, e mesmo nossas histórias sendo interrompidas rapidamente, você é a luz que guia meus passos, e sempre viverá dentro do meu coração. Entretanto, não posso deixar de agradecer a rede de apoio e família que construí na cidade de Macaé, pessoas fundamentais que de alguma forma garantiram minha permanência em uma universidade pública, em especial meu muito obrigado ao Lucas, Beatriz, Davi, Jéssica, Raiane, Janaína, Fabiola, e Luana. Além de agradecer, reverencio toda comunidade do Novo Horizonte que foi meu lar durante esses anos na cidade. Agradeço aos meus professores, em especial aos que compõem a banca de avaliação, através de vocês Tiago, Thamires, Inês, Gunnar, Fernanda e Flavia aprendi o exemplo de profissional que desejo ser, metade do enfermeiro que sou, terá um pedaço de cada um de vocês. Tiago e Thamires, meus orientadores, obrigado por todo conhecimento desprendido, vocês são verdadeiros educadores, que honra ter vocês como exemplos de enfermeiro e enfermeira a serem seguidos. Agradeço ao movimento estudantil da UFRJ por primeiro terem lutado nos anos 2000 para implementação do REUNI, sou fruto da militância de vocês! e em segundo agradeço por terem sido a escola fundamental para minha formação cidadã e política, enquanto escrevo esses agradecimentos, eu estudante cotista e bolsista, assim como todos estudantes e pesquisadores do Brasil, não recebemos nossas bolsas de dezembro de 2022, devido excessivos cortes orçamentários às universidades, mesmo em meio às essas turbulências em final de graduação, ainda sou grato à toda militância que me inspira a manter a luta e o trabalho coletivo,



obrigado Lascom, por ter sido uma liga acadêmica que por muitos anos foi meu refúgio durante anos de ataques contra as IES e a Democracia, agradeço à cada ligante que ajudou construir esse espaço de formação e sobretudo de acolhimento. Agradeço também a militância do Cebes, da educação popular e dos conselhos de saúde. Agradeço também as orientadoras que tive durante minha jornada acadêmica, sendo a Isabela Tavares e Karla Santa Cruz no Pet-Saúde, Fernanda Teles e Tiago Oliveira de Souza na monitoria e Flávia Lima na pesquisa-extensão, obrigado pela parceria e por toda ajuda. Agradeço também meus amigos de “essepê” Gabriel, Amanda, Stella e Fran por manter nossos laços entrelaçados mesmo na distância que separa nossos corpos, vocês são presentes. Tamo junto! Por fim, agradeço às minhas vísceras e ao meu corpo por não ter desistido até aqui, e ter mantido a criança sonhadora que sempre fui, agradeço por saber que sou a construção de grandes resistências, agradeço pela minha ancestralidade alcançar minha avó, e para todos os meus, apagados em uma história colonial de diásporas e fugas de pobrezas, sou grato pela minha família ter conseguido chegar e ficar, e me criar no Jardim Cláudia, ABC Paulista, agradeço pela cultura de favela, sobretudo o RAP Nacional que me fez chegar até aqui e simplesmente agradecer.

*“É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
Falo do amor entre homem, filho e mulher
A única verdade universal que mantém a fé
Olho as crianças que é o futuro e esperança
Que ainda não conhecem, não sentem o que é ódio e ganância
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda
Falo do enfermo, falo do são
Falo da rua que pra esse louco mundo
Que o caminho da cura pode ser a doença
Que o caminho do perdão às vezes é a sentença
Desavença, treta e falsa união
A ambição é como um véu que cega os irmão
Que nem um carro guiado na estrada da vida
Sem farol no deserto das trevas perdidas
Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio
Guardo o revólver quando você me fala em ódio
Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito
Ouço o repente e o que diz lá no canto lírico
Falo do cérebro e do coração
Vejo egoísmo, preconceito de irmão pra irmão*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ – MACAÉ

INSTITUTO DE ENFERMAGEM



*A vida não é o problema, é batalha, desafio
Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio
É isso aí, você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos”
Racionais MC's*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ – MACAÉ

INSTITUTO DE ENFERMAGEM



“Isso num é sobre onde cê vem, é sobre onde cê quer chegar.

E o que vai mudar pra quem vem de onde cê vem quando tiver lá” (Don L)



**ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19:
UM OLHAR SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS, INTERSECCIONALIDADE E
INTERIORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR.**

*NURSING STUDENTS AND THE IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC: A LOOK AT
PUBLIC POLICIES, INTERSECTIONALITY AND INTERNALIZATION OF HIGHER
EDUCATION.*

Diego Lima de Oliveira¹

Tiago Oliveira De Souza²

Thamires Monteiro De Medeiros³

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo caracterizar e discutir o perfil dos estudantes do bacharelado em Enfermagem, e sua relação com a pandemia da COVID-19. Ademais, buscará fomentar resultados que podem estimular e servir de subsídios para a formulação de estratégias educacionais e políticas institucionais que contemplem a interseccionalidade como categoria analítica. Trata-se de um estudo transversal, com abordagem descritiva, que caracterizou a população durante a pandemia de Covid-19, compreendendo os anos de 2020 e 2021. Foi elaborado um questionário com questões socioeconômicas, ano de ingresso na UFRJ, se utilizou ações afirmativas ao ingressar, impactos da pandemia, e se possui plano de saúde. A maioria dos discentes de Enfermagem da amostra é do sexo feminino, com idade entre 21 e 22 anos, autodeclarados negros (pardos e pretos), porém é maior a concentração de estudantes que não ingressaram no ensino superior através de ações afirmativas. Verificou-se que os impactos da pandemia estão relacionados à perda de renda, desemprego, morte e saúde mental prejudicada. A pandemia com seus desdobramentos implicam a intensificação de problemas de saúde mental e pouco envolvimento com atividades acadêmicas, o que pode refletir na manutenção de privilégios históricos, sociais e econômicos no perfil de enfermeiros.

Descritores: Estudantes de Enfermagem; COVID-19; Ensino Superior; Política Pública; Interseccionalidade.



ABSTRACT:

This article aims to characterize and discuss the profile of nursing students, and their relationship with the COVID-19 pandemic. In addition, it will seek to promote results that can stimulate and serve as a reward for the formulation of educational strategies and institutional policies that contemplate intersectionality as an analytical category. This is a cross-sectional study, with a descriptive approach, which characterized the population during the Covid-19 pandemic, covering the years 2020 and 2021. A reflection was elaborated with socioeconomic issues, year of admission to UFRJ, if affirmative actions were used when entering, effects of the pandemic, and if you have a health plan. Most nursing students in the sample are female, aged between 21 and 22 years, self-declared black (brown and black), but there is a higher concentration of students who did not enter higher education through affirmative actions. It was found that the effects of the pandemic are related to loss of income, unemployment, death and impaired mental health. The pandemic with their incentives, imply the intensification of mental health problems, concentration and little involvement with academic activities, which may reflect on the maintenance of historical, social and medical privileges in the profile of nurses.

Keywords: Students, Nursing; Covid-19; Universities; Public Policy; Intersectional Framework

¹ Graduando em Enfermagem. Email: diegolima.ufrj@gmail.com. Instituto de Enfermagem – Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Macaé (RJ), Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1137-5740>

² Enfermeiro. Doutor em Saúde Pública. Email: tiagotos@gmail.com. Instituto de Enfermagem – Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Macaé (RJ), Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0926-2926>

³ Enfermeira. Mestra em Saúde Coletiva. Email: thamires.unirio@gmail.com. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. <http://orcid.org/0000-0002-7679-0390>



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
MÉTODO	15
RESULTADOS	17
DISCUSSÃO	32
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Em todos os níveis do ensino brasileiro – primário, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas, como se executasse o que havia previsto Sílvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação das salas da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira no currículo escolar?

Abdias Nascimento, O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) comemora, em 2022, 102 anos de existência, e desde 2007 tem passado por mudanças estruturais com avaliações e diretrizes para implementação do Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE), estabelecido pelo decreto presidencial nº 6.096, de 24 de abril de 2007, pela presidência de Luiz Inácio Lula da Silva com gestão de Fernando Haddad no Ministério da Educação, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) apresenta como uma das diretrizes “o provimento da oferta de educação superior para, pelo menos, 30% dos jovens na faixa etária (de 18 a 24 anos) até o fim da década”^{1;2}.

Diante disso, é inaugurado o campus de interiorização através da criação do Programa de Reestruturação e Expansão (PRE) da UFRJ, em 2008, a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), o Instituto de Nutrição Josué de Castro, Faculdade de Medicina, a Faculdade de Farmácia, o Instituto de Química e a Politécnica de Engenharia que motivaram-se a criar cursos de graduação em Macaé, através da consolidação de três polos da UFRJ (Universitário, Ajuda e IMCT) na cidade localizada na região do Norte Fluminense, aproximadamente 180 km da sede da UFRJ, que são importantes para atentar os efeitos socioeconômicos e culturais para Macaé no curto, médio e longo prazo^{3;4}.

Em 2021, o campus UFRJ-Macaé Aloísio Teixeira é transformado em um Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé (CM UFRJ-Macaé), composto por seis institutos, sendo: (1) Instituto de Enfermagem (IEnf); (2) Instituto Politécnico; (3) Instituto de Ciências

Farmacêuticas; (4) Instituto de Ciências Médicas; (5) Instituto de Alimentação e Nutrição; (6) Instituto Multidisciplinar de Química⁵.

Se mesmo antes do processo de expansão da UFRJ, já era evidente a importância do Núcleo de Pesquisas em Ecologia e Desenvolvimento Sócio-Ambiental (NUPEM), no que diz respeito à economia da cidade, com as transformações recentes, isso fica ainda mais evidente, como por exemplo, em 2018, é aprovado a transformação do NUPEM em Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade.

Em relação ao curso de bacharelado em enfermagem, é disponibilizado anualmente 80 vagas, e desde 2014 já formou 227 enfermeiros habilitados para atuar na cidade de Macaé e região. Durante 2020, com a pandemia da covid-19, a UFRJ paralisou suas atividades presenciais em março, retornando suas atividades não presenciais em julho, através do Plano do Período Letivo Excepcional – PLE⁶. Embora haja presença considerável de alunos macaenses, o número de alunos advindos de diversas regiões do estado fluminense e, também, de outras regiões do país, se faz presente. Porém são escassas quaisquer informações dos impactos socioeconômicos, culturais, de qualidade de vida, e em relação às atividades acadêmicas do ensino de graduação durante o período da pandemia da COVID-19 que os discentes do IEnf vivenciaram.

O debate acerca da interseccionalidade tem se inserido no meio acadêmico, inclusive na Enfermagem. Ferramenta analítica oferecida por intelectuais feministas negras a interseccionalidade nos capacita a enxergar como diferentes opressões estruturais acometem as pessoas, as localizando em tramas sociais que exigem respostas complexas das políticas públicas.

Vale ressaltar que usar da ferramenta da interseccionalidade não significa produzir uma análise que produza uma somatória de opressões, mas trata da possibilidade em “fazer ver” articulações e interações entre múltiplos eixos de poder e desigualdade, como explica a professora Carla Akotirene “(...) frequentemente e por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica, sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais”⁷, p. 63.

Estas interações são dinâmicas, contextuais e historicamente situadas e por isso - “a interseccionalidade exige orientação geopolítica”⁷. A interseccionalidade impede reducionismos da política de identidade - elucida as articulações das estruturas modernas

coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais⁷, p. 59.

Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade⁷, p.43.

O histórico de exclusões no âmbito da formação de nível superior em saúde ainda reflete os padrões de exclusão da conformação social brasileira revelando desigualdades no nível superior no que tange o acesso e permanência de corpos negros, de mulheres, pobres, LGBTQIAP+, minorias étnicas e religiosas, povos indígenas e outros grupos considerados inferiores no processo de colonialidade brasileira^{8;9;10}. Este contexto nos aponta a necessidade de conduzir a análise proposta a partir do aporte interseccional.

Diante disso, o objetivo deste artigo é caracterizar e discutir o perfil dos estudantes do bacharelado em enfermagem, e sua relação com a pandemia da COVID-19. Ademais, o presente artigo buscará fomentar resultados que podem estimular e servir de subsídios para a formulação de estratégias educacionais e políticas institucionais que contemplem a interseccionalidade como categoria analítica do perfil discente de enfermagem.

MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, com abordagem descritiva, que caracterizou a população de estudantes do curso de bacharelado em enfermagem do IEnf/CM UFRJ-Macaé, durante a pandemia de Covid-19, compreendendo os anos de 2020 e 2021. Foram selecionados para a amostra do estudo, acadêmicos regularmente matriculados entre o 1º ao 10º semestre letivo, o que permitiu registrar o perfil discente do curso entre 2020-2021. Considerou-se elegíveis para o estudo aqueles que estavam com a matrícula ativa durante a pandemia de covid.19.

O desenho amostral foi composto pela totalidade de discentes com matrícula ativa no período do estudo/coleta. Para análise da unidade amostral foi considerado o quantitativo de alunos que responderam 100% do questionário.

A coleta dos dados aconteceu via endereço eletrônico, registrado no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA UFRJ), por meio de um questionário eletrônico autoaplicado que foi reencaminhado pela coordenação do curso para todos estudantes com matrícula ativa. Para a obtenção das informações foi elaborado o questionário semiestruturado específico sobre aspectos socioeconômicos, demográficos com 28 questões e preenchido pelos próprios estudantes para a presente pesquisa.

Analisaram-se as frequências absoluta (número) e relativa (proporção) das variáveis que compuseram as categorias acima listadas, são elas: gênero, idade/faixa etária, sexualidade, naturalidade, autodeclaração étnico-racial, religião, ano de ingresso na UFRJ, se utilizou ações afirmativas ao ingressar, renda, renda familiar, estado civil, tipo de ensino médio, escolaridade familiar, impactos da pandemia, e se possui plano de saúde. Após a construção do banco de dados, foi realizada a tabulação dos dados e a elaboração dos gráficos pelo programa *Microsoft Excel* para ilustração dos achados do estudo.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro-Campus Macaé (CAAE: 31760020.5.0000.5699). A coleta dos dados somente foi realizada após a completa compreensão por parte dos sujeitos da pesquisa, no caso, os estudantes, acerca dos procedimentos e objetivos do estudo, juntamente com a obtenção da autorização das mesmas no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

O curso de bacharelado em enfermagem do CM UFRJ-Macaé possui em torno de 280 discentes com matrícula ativa entre 2020 e 2021 sendo essa a população de estudo. Os dados

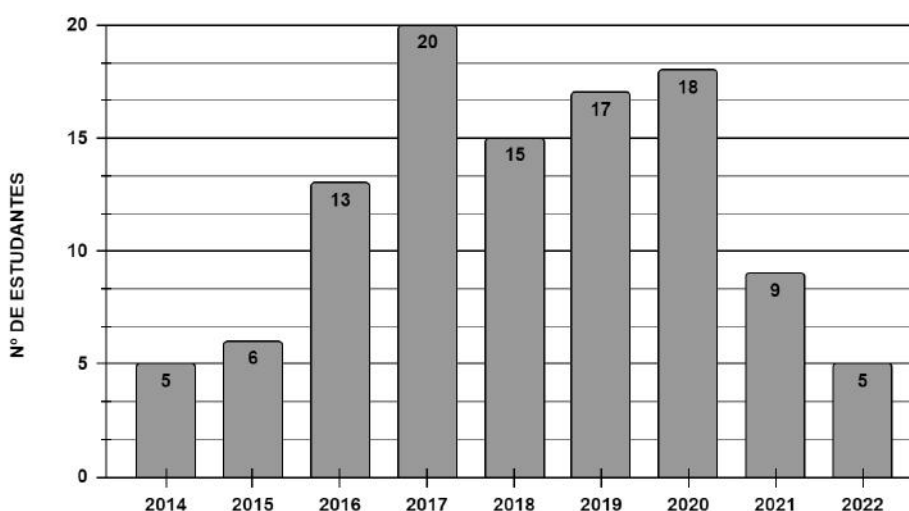


que compuseram a análise, foram extraídos de 108 questionários respondidos e colhidos com a coordenação do curso em questão.

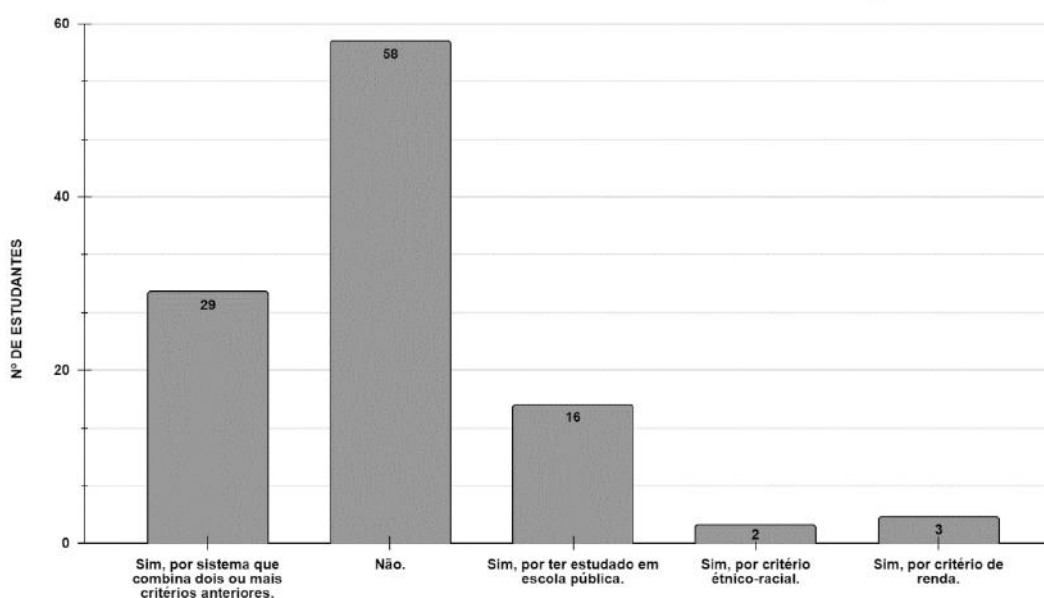
RESULTADOS

Da amostra, 18,5% ingressaram no curso em 2017 (n=20), enquanto 25% ingressaram durante a pandemia de covid-19, em 2020 e 2021, sendo respectivamente 16,7% e 8,3% (n=18 e n=9). 53,7% concentra a maior faixa de estudantes que não ingressaram no ensino superior através de políticas afirmativas (n=58), e 46,4% ingressou utilizando ações afirmativas, dentre os critérios mais utilizados estão 26,9% estudantes que usaram a combinação de dois critérios ou mais (n=29), 14,8% usaram o critério de escola pública (n=16), 2,8% por critério de renda (n=3) e 1,9% por critério étnico-racial (Imagem 1).

1.1 ANO DE INGRESSO NA UFRJ

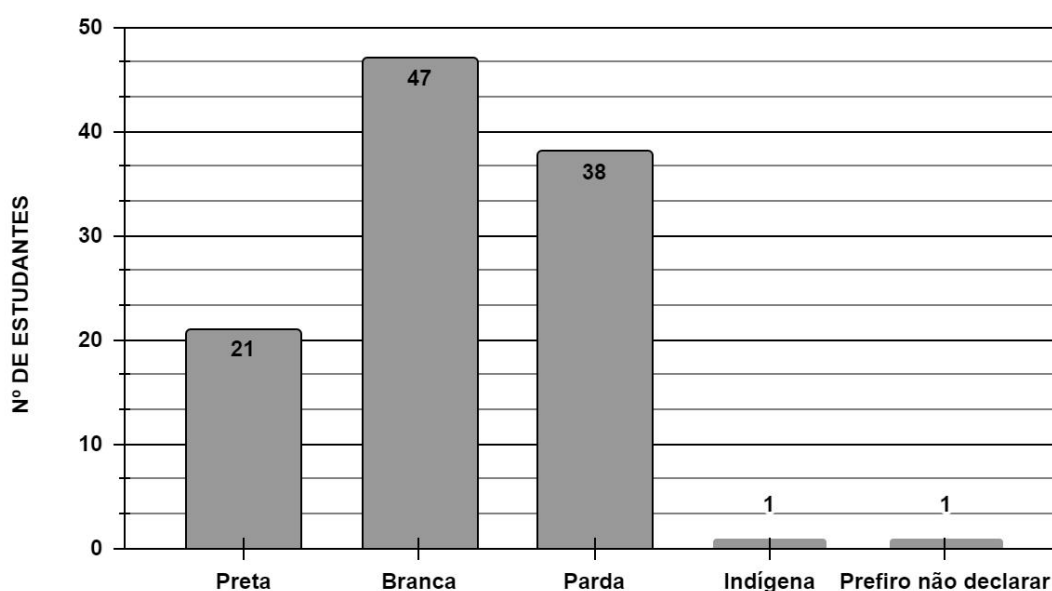


1.2 SEU INGRESSO NO CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM DEU POR MEIO DE POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS?

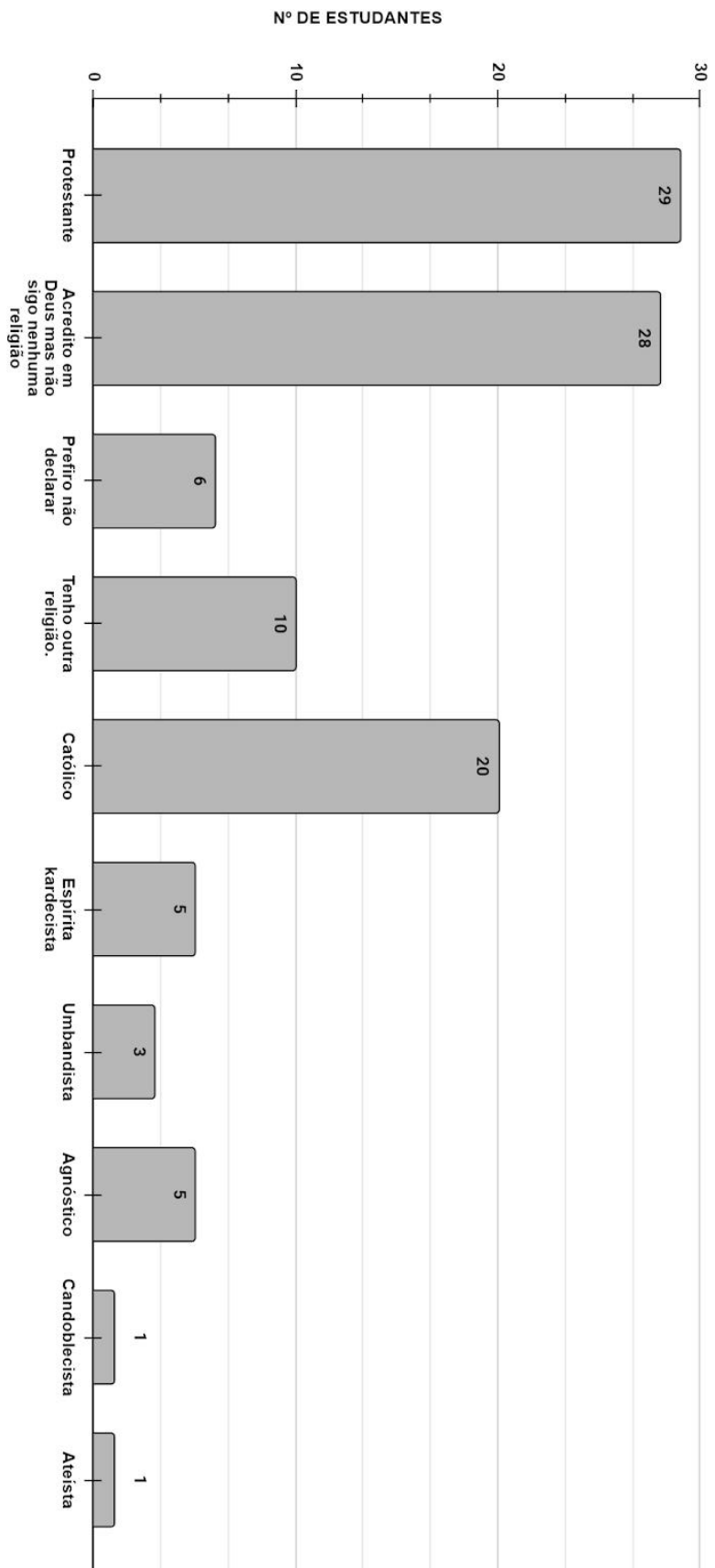


Aproximadamente cinquenta e cinco por cento dos estudantes de enfermagem autodeclararam-se negros, na classificação étnico-racial, quesito raça/cor preta 19,4% (n=21) e parda 35,2% (n=38), o quesito raça/cor branca apresenta 43,5% (n=47) de estudantes, enquanto 0,9% (n=1) representa o quesito raça/cor indígena e prefere não se autodeclarar. O quesito raça/cor amarela não recebeu nenhuma pontuação. A religião de maior concentração de estudantes situa-se entre protestantes e católicos (Imagem 2).

2.1 EM RELAÇÃO À AUTODECLARAÇÃO ÉTNICO RACIAL

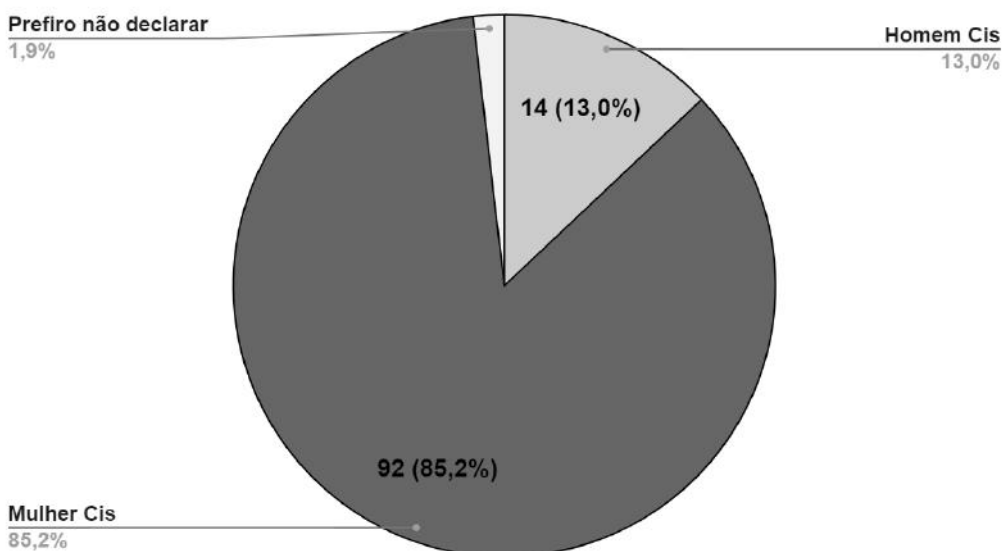


2.2 EM RELAÇÃO À RELIGIÃO

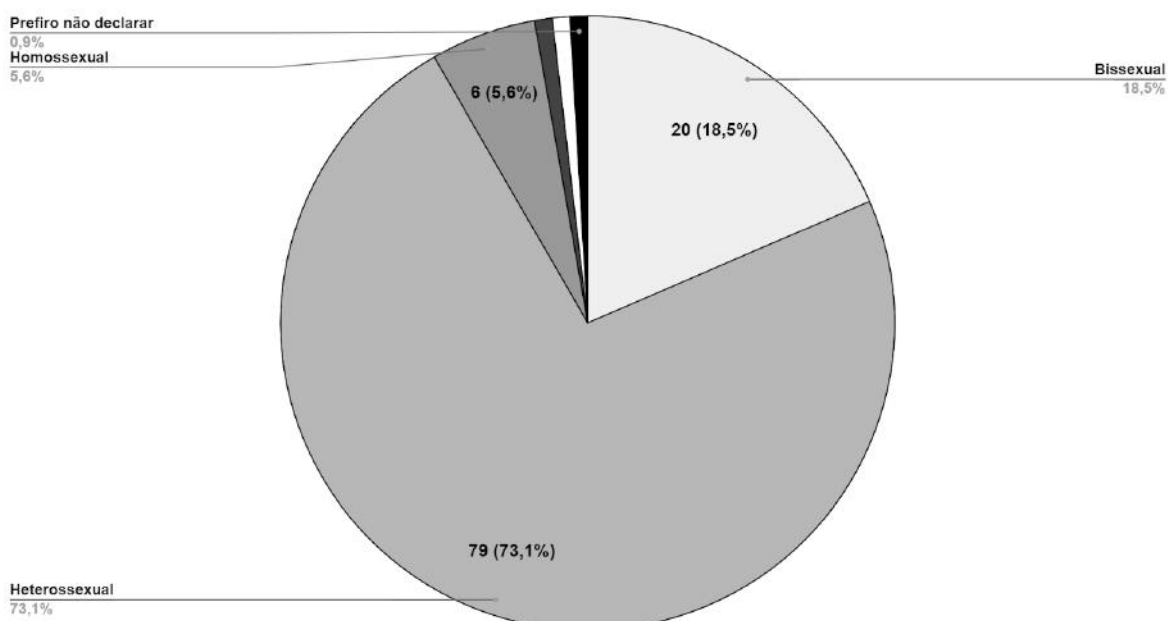


85,2% identificam-se enquanto mulheres cis (n = 92), sendo treze por cento de homens cis, e em relação à sexualidade desses estudantes, 73,1% consideram-se heterossexuais (n=79) e 24,1% são da comunidade LGBTQIAP+, sendo a maior concentração de bissexuais 18,5% (n=20). Existe uma predominância de oitenta e sete por cento de solteiros, e a maioria dos entrevistados estavam cursando o sétimo e oitavo período (Imagem 3 e 4).

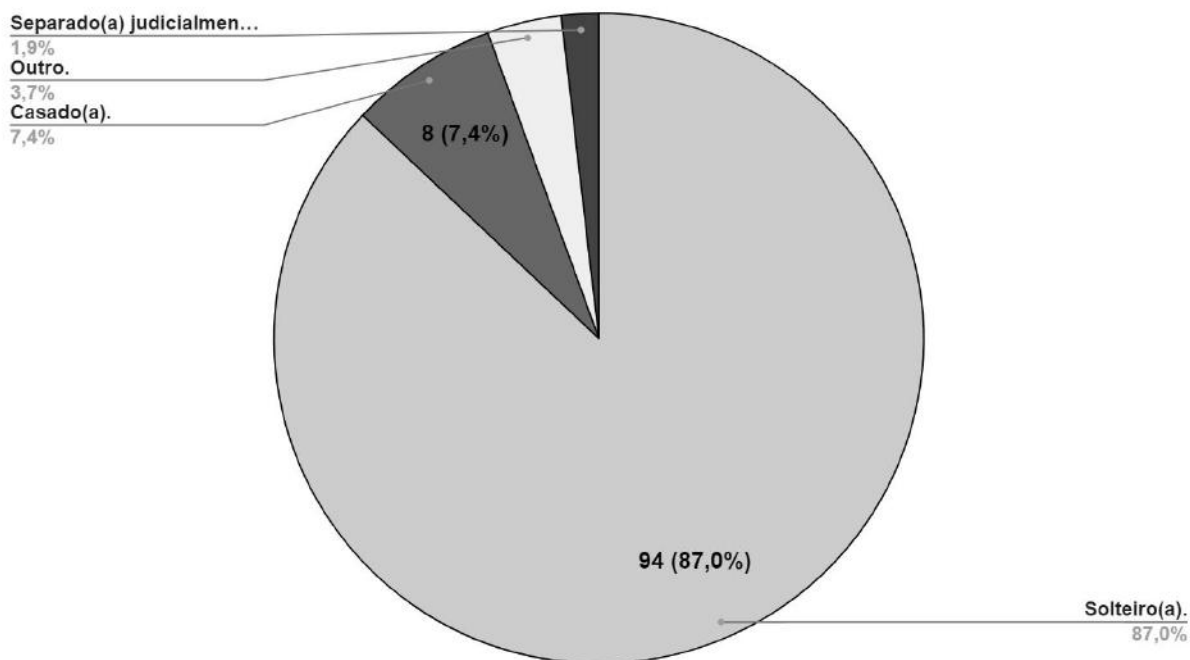
3.1 EM RELAÇÃO À IDENTIDADE DE GÊNERO



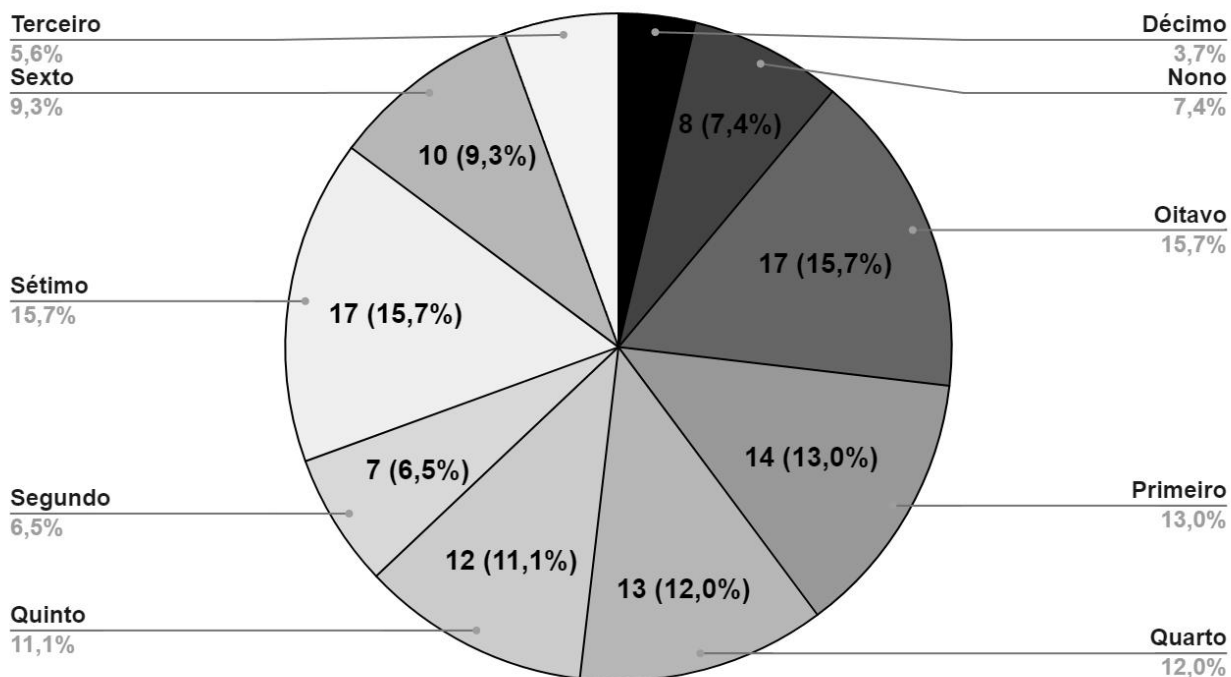
3.2 EM RELAÇÃO À SEXUALIDADE



4.1 EM RELAÇÃO AO ESTADO CIVIL



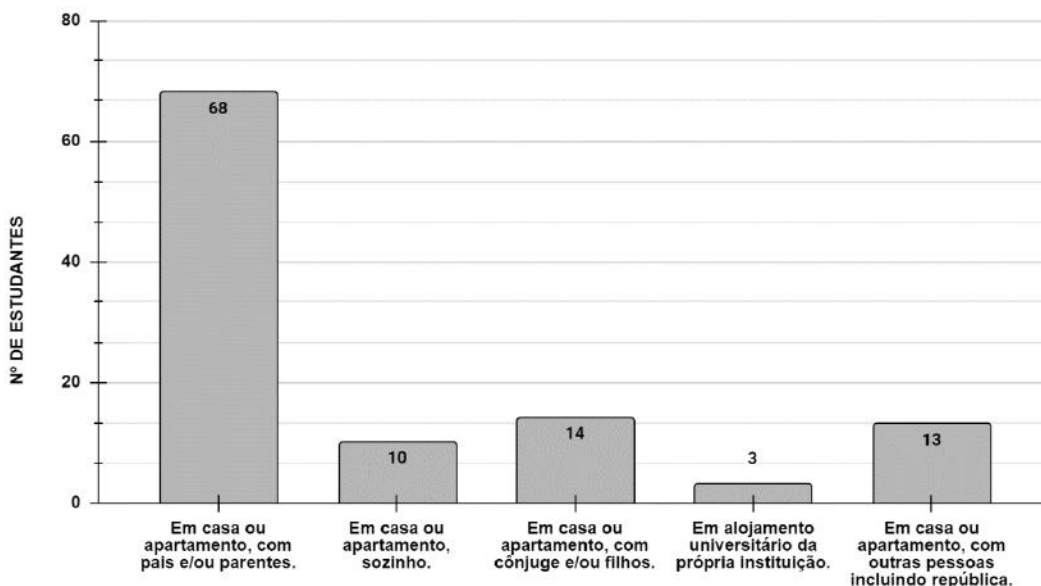
4.2 EM RELAÇÃO AO PERÍODO DO CURSO



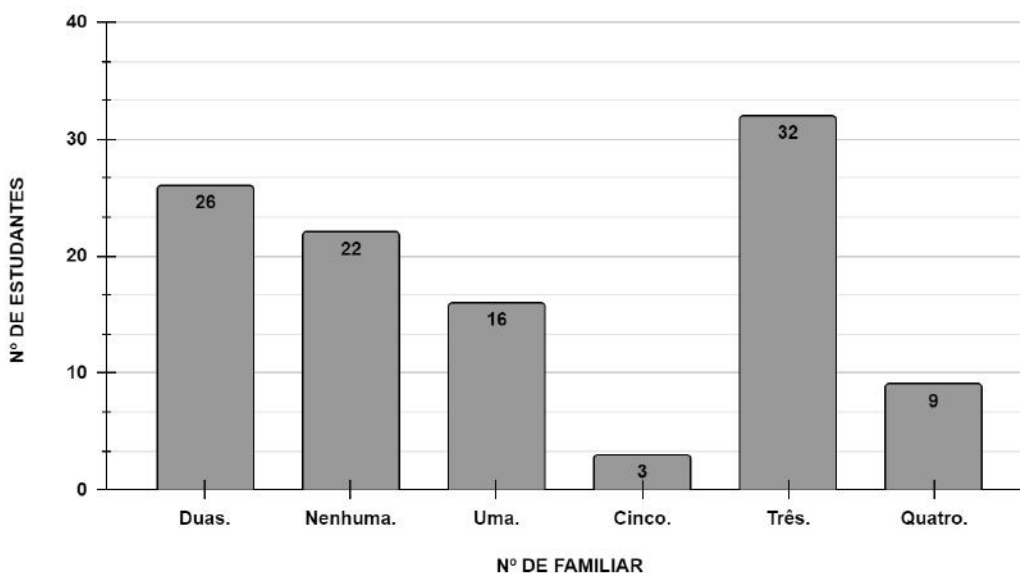
Quando questionados sobre a residência, 68 (63%) responderam que moram atualmente em casa ou apartamento com a família, e 33 (29,6%) residem com mais três familiares durante

a graduação, e 22 (20,4%) não residem com familiares. Enquanto a naturalidade dos entrevistados, a maior concentração é de estudantes da região sudeste 91,7% (n=99), desse número 52,8% corresponde à região do norte fluminense (n=56), logo em seguida a região da baixada litorânea é a segunda maior concentração de estudantes com 26,4% (n=28), executando o estado do Rio de Janeiro, o estado de Minas Gerais representa maior concentração de estudantes da região sudeste com 3,8% (n=4), executando a região sudeste, o nordeste representa a concentração de 4,6% (n=5) estudantes (imagem 5 e 6).

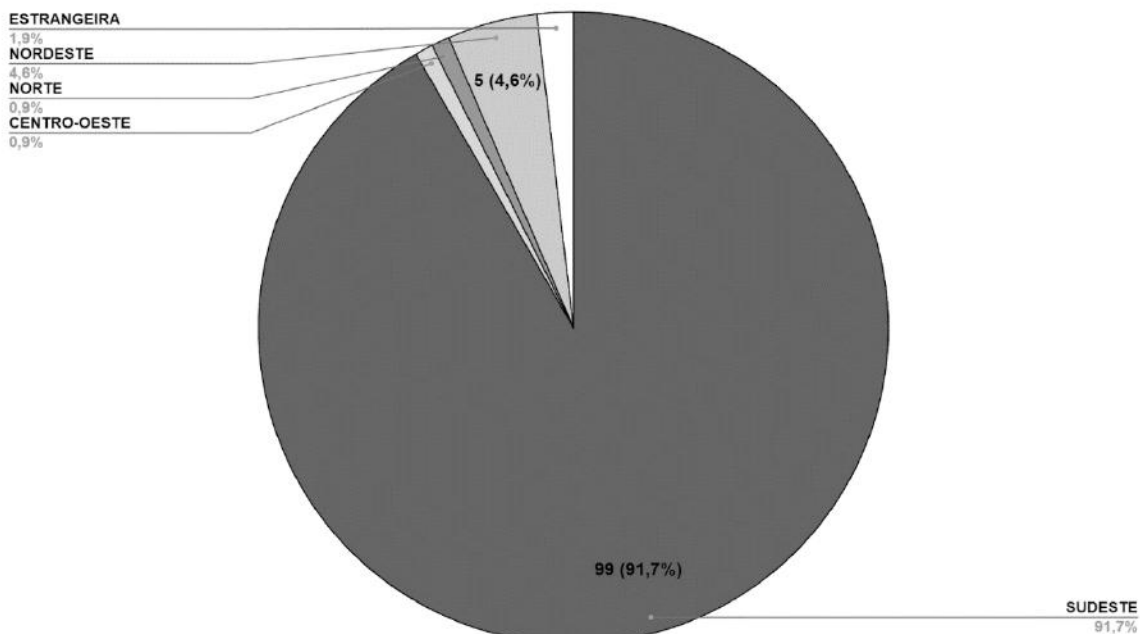
5.1 TIPO DE RESIDÊNCIA DURANTE A GRADUAÇÃO



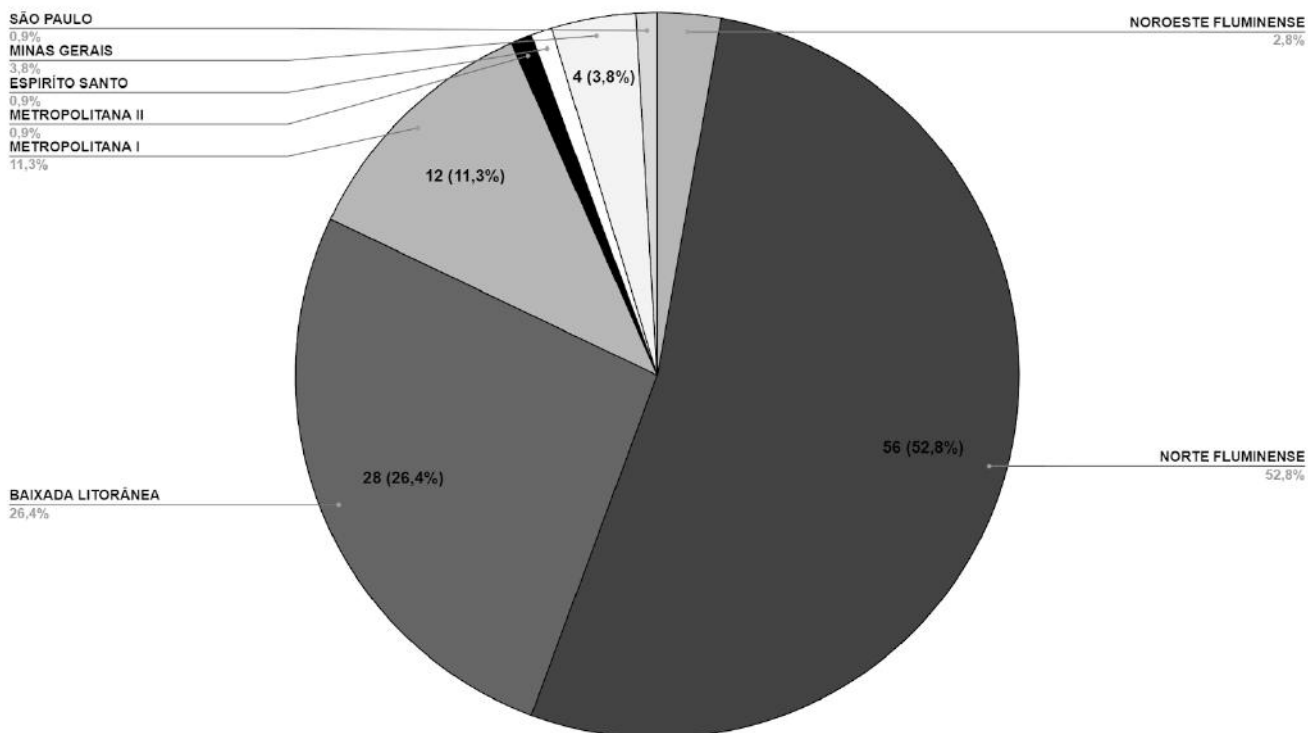
5.2 DURANTE A GRADUAÇÃO QUANTAS PESSOAS DA SUA FAMÍLIA MORAM COM VOCÊ



6.1 NATURALIDADE POR REGIÃO BRASILEIRA



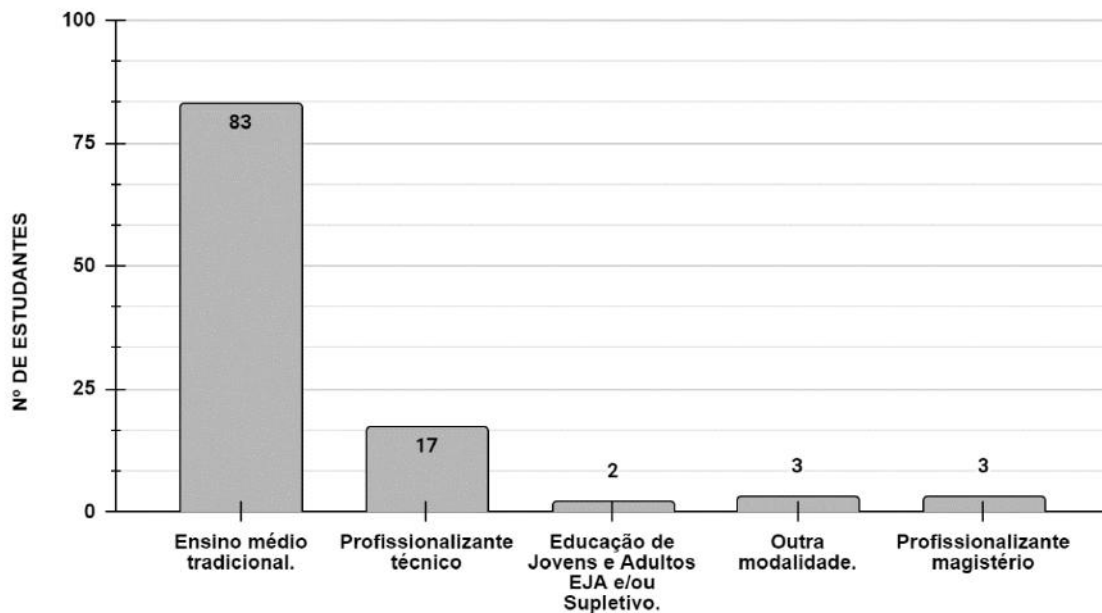
6.2 NATURALIDADE POR REGIÃO SUDESTE E ESTADO DO RIO DE JANEIRO



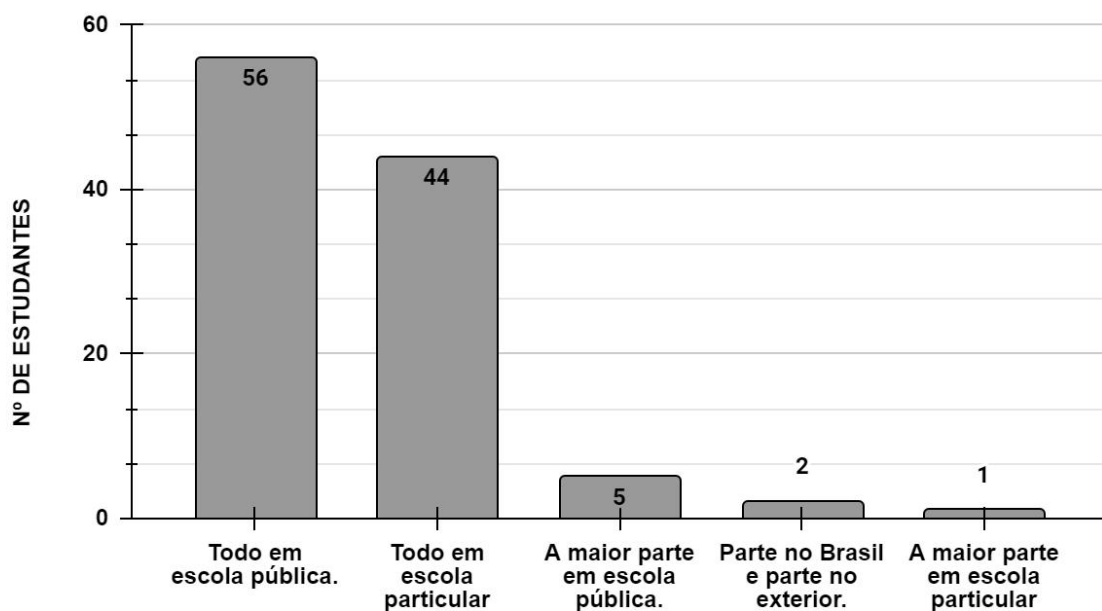
Oitenta e três estudantes possuem ensino médio tradicional, sem formação profissionalizante/técnica, e cinquenta e seis concluíram seus estudos em escola pública. A

escolaridade materna possui trinta e sete por cento de mães com ensino médio completo (n=40), sendo a maior faixa de escolaridade, enquanto o número de estudantes com mãe com graduação é de 23,1% (n=25). Em comparação com a escolaridade paterna, trinta e oito estudantes responderam que seu pai tem ensino médio completo, e vinte e oito têm pais com ensino médio completo (Imagem 7 e 8).

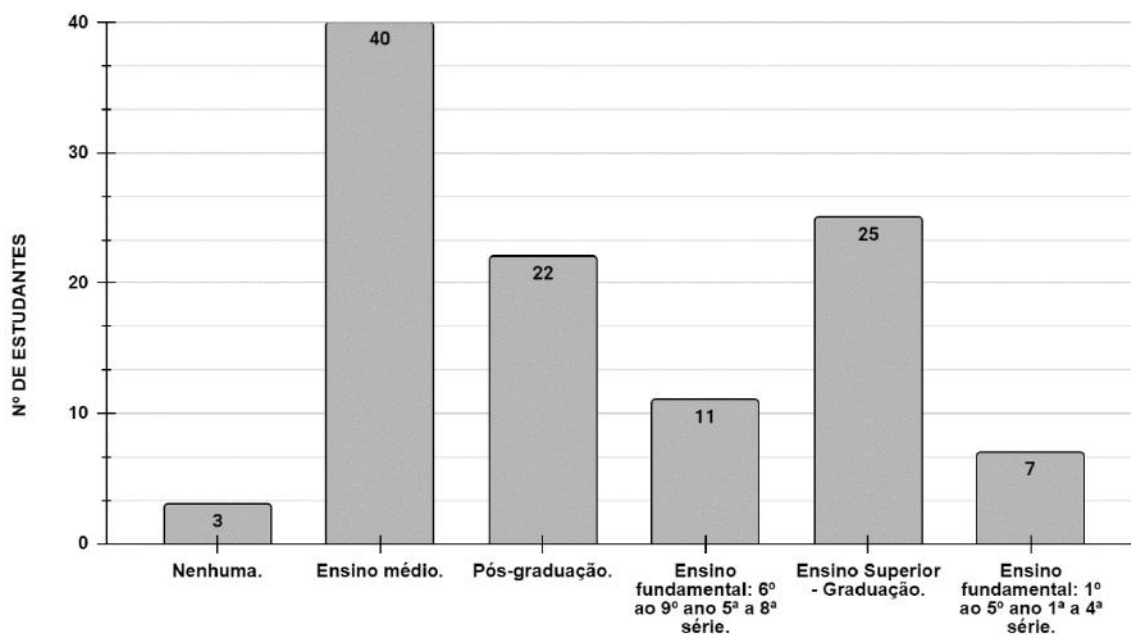
7.1 MODALIDADE DE ENSINO MÉDIO



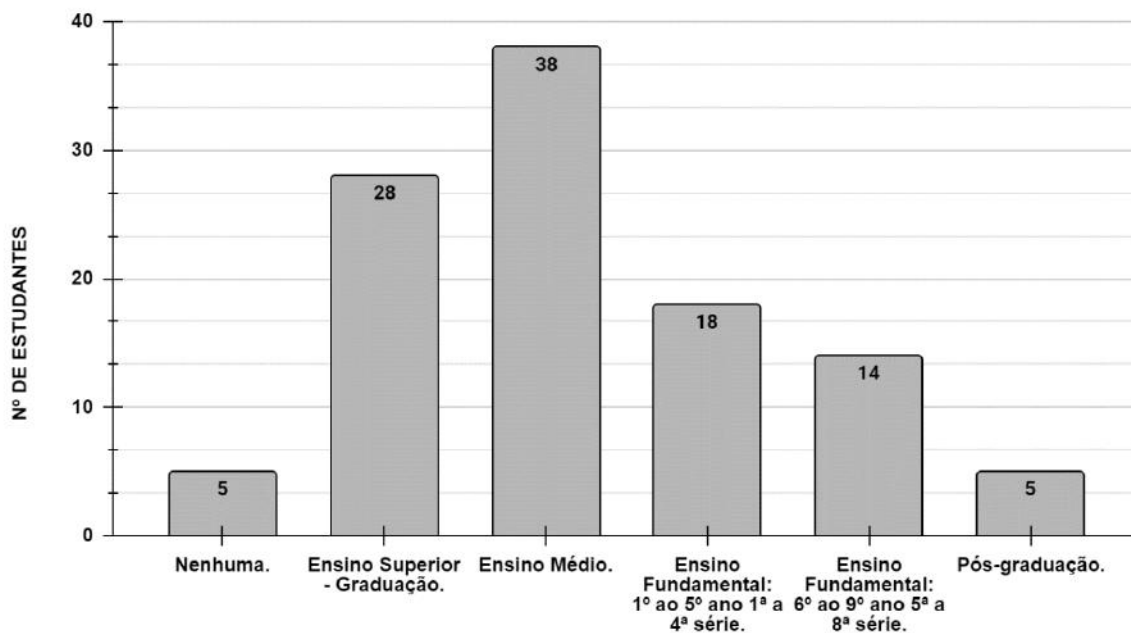
7.2 TIPO DE ESCOLA QUE CURSOU O ENSINO MÉDIO



8.1 ESCOLARIDADE MATERNA



8.2 ESCOLARIDADE PATERNA

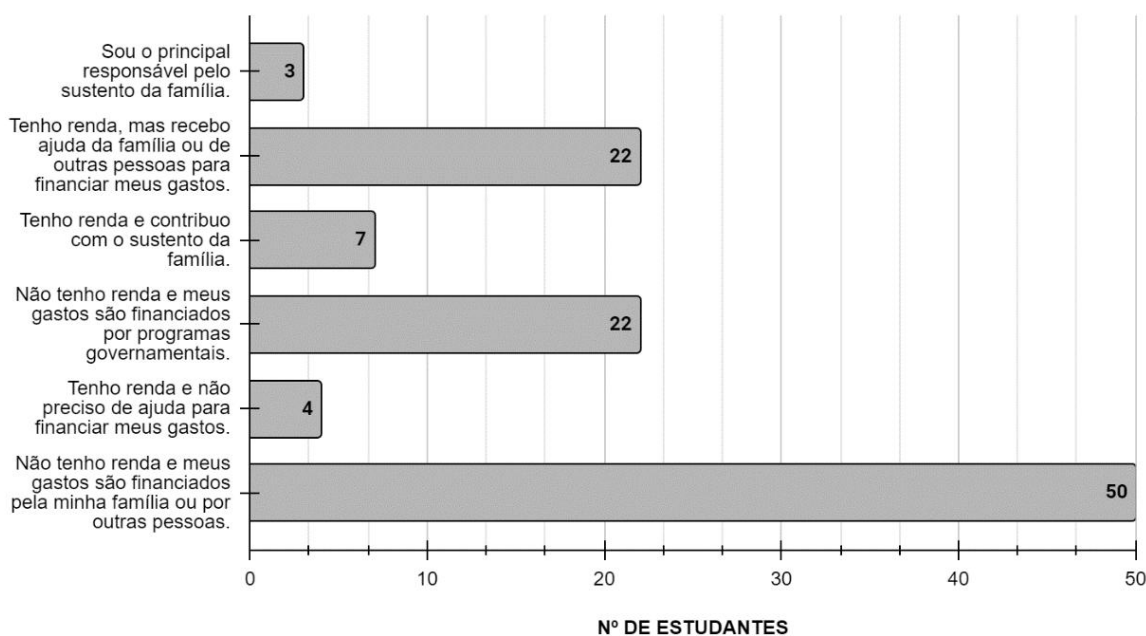


Oitenta e oito entrevistados participam de projetos de pesquisa e extensão, e desse total, 33 (30,7%) recebem bolsa acadêmica no valor de quatrocentos reais, sendo a bolsa de extensão a mais frequente com 11 estudantes (9,3%), bolsa de iniciação científica com 10 estudantes (9,3%), e a bolsa de monitoria com 9 estudantes (8,4%).

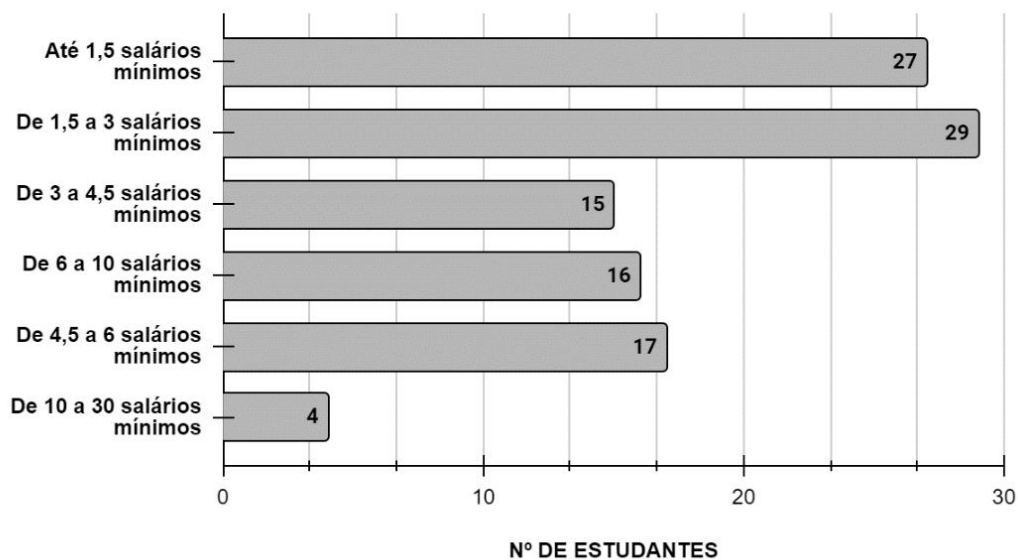
A maioria dos estudantes (46,3%) não possui renda, e seus gastos são cobertos por familiares. Quando questionado a renda total da família, 29 (26,9%) declaram ter rendimentos de 1,5 a 3 salários mínimo (sm), e 27 (25%) declaram de até 1,5 sm, e 15 (13,9%) declaram rendimentos de 3 a 4,5 sm.

Em relação a situação de trabalho, 20 (18,5%) estudantes trabalham eventualmente e 08 estudantes (7,4%) trabalham até 20 horas por semana, e 74 (68,5%) estudantes relataram não trabalhar durante a graduação. Já em relação ao vínculo com programas de assistência estudantil 76 (70,4%) não são assistidos pelos programas de repasse financeiro da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PR7) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, enquanto 32 (29,6%) recebem auxílio estudantil (Imagem 9 e 10).

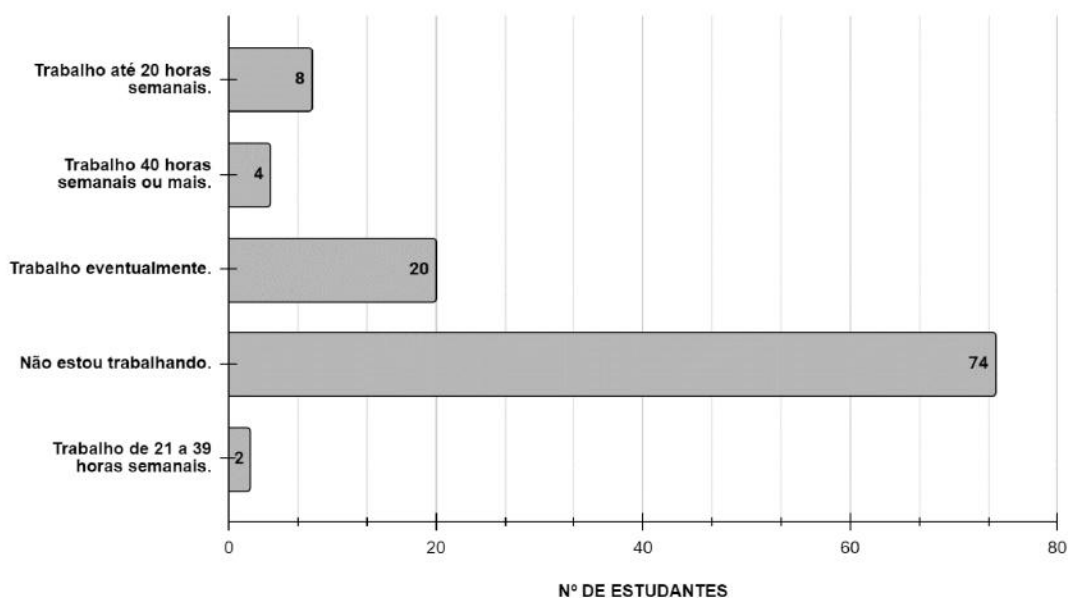
9.1 SITUAÇÃO FINANCEIRA DO DISCENTE



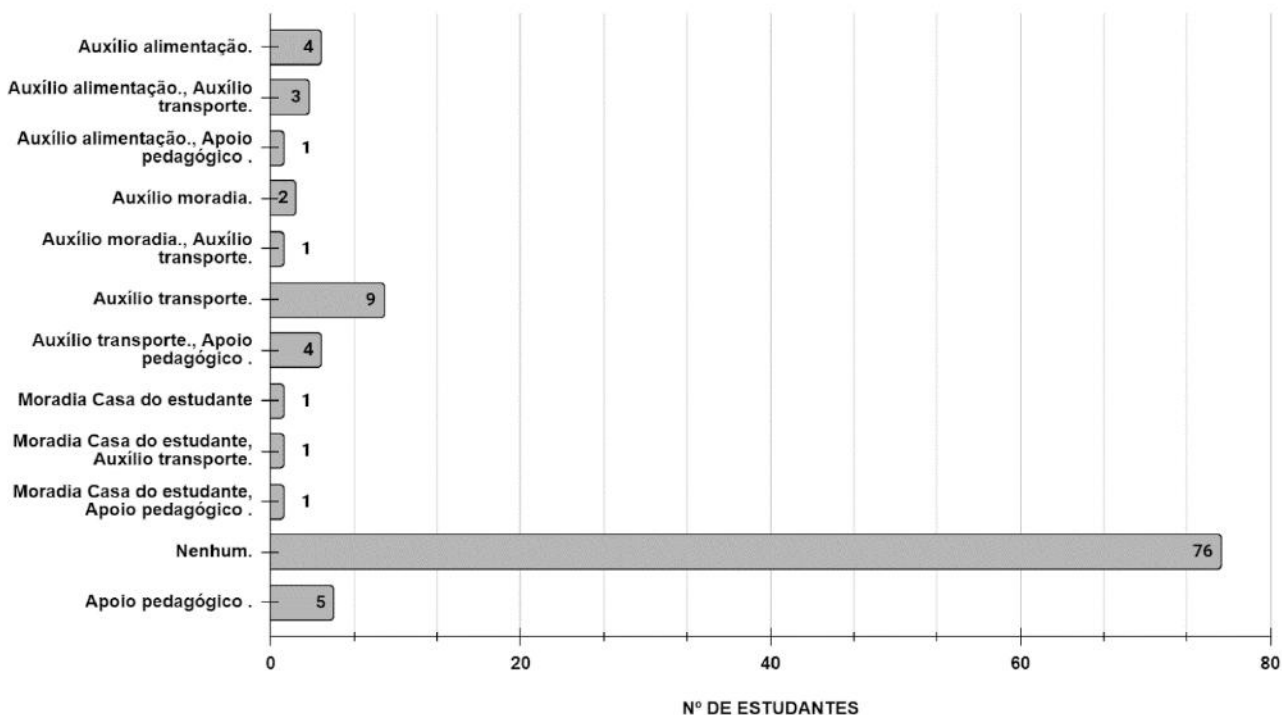
9.2 RENDA TOTAL DA FAMÍLIA DO DISCENTE



10.1 SITUAÇÃO DE TRABALHO DO DISCENTE EXCETUANDO ESTÁGIOS E PROJETOS ACADÊMICOS

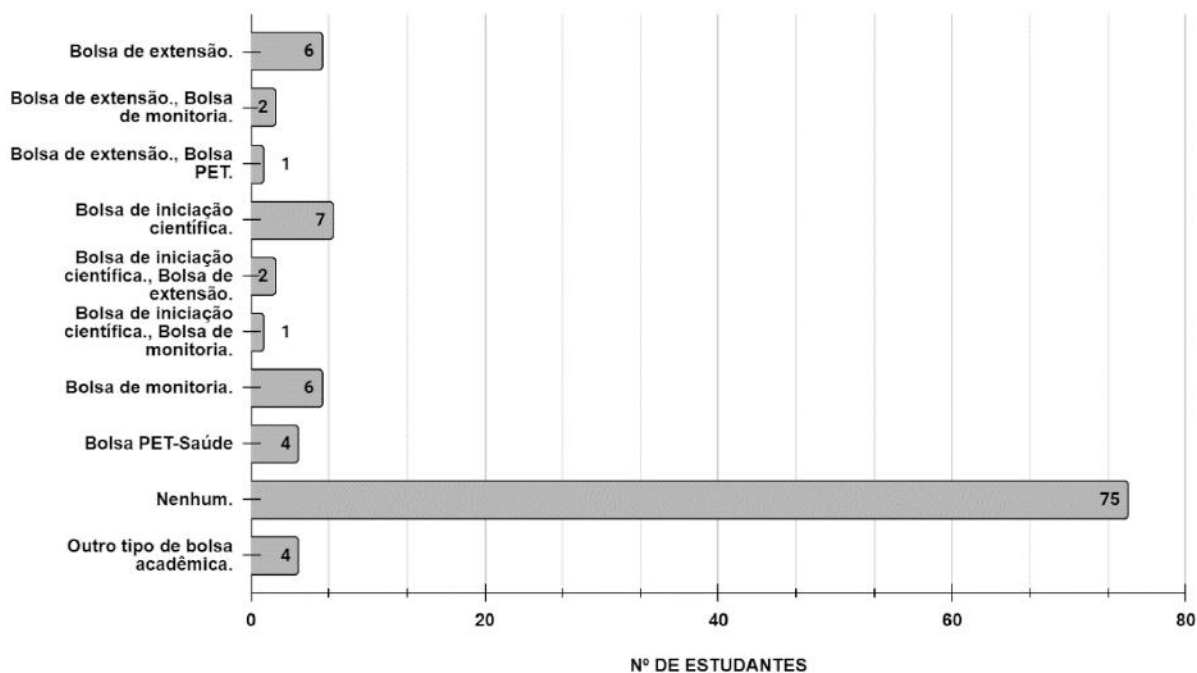


10.2 VÍNCULO AOS PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRJ

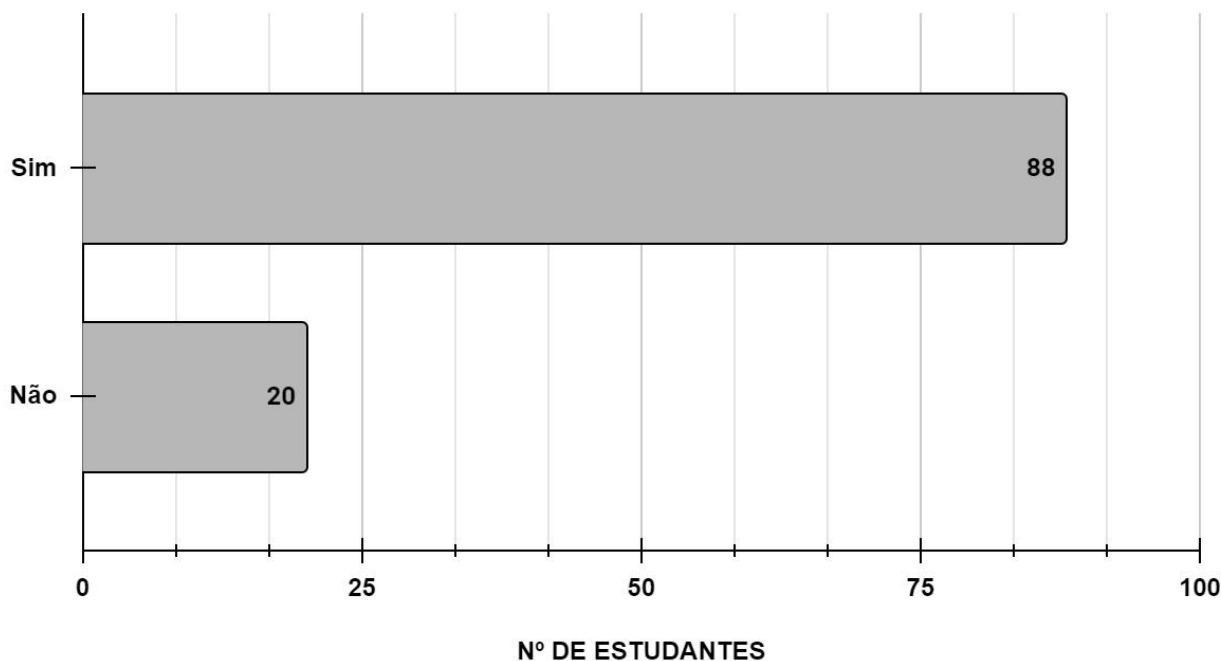


Quando questionados sobre já receberem bolsas acadêmicas no valor de 400\$, 69,4% (75) não receberam e 30,5% (33) recebem, as bolsas com maior frequência entre esses discentes são: Bolsa de Extensão, Bolsa de Monitoria, Bolsa de Iniciação Científica e Bolsa do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde). Entretanto, por mais que o número de discentes não bolsistas em projetos de pesquisa-extensão seja maioria, 81,48% (88) estão participando de projetos para seu desenvolvimento acadêmico, assim é possível observar que mesmo sendo voluntários, os discentes possuem interesse em uma formação que envolve ensino-pesquisa-extensão. Também podemos observar que 18,52% (20) dos discentes não estão vinculados em projetos, apesar do número ser relativamente baixo, quando comparado com os discentes que estão vinculados, torna-se necessário mais análises desse perfil, uma vez que a grade curricular, do curso estudado, possui disciplinas obrigatórias que convocam seu corpo discente à apresentar declarações de participação em projetos de pesquisa e extensão como requisito de avaliação e aprovação, sendo requisito para manter o fluxo do itinerário formativo (Imagem 11).

11.1 DISCENTES QUE JÁ RECEBERAM BOLSA ACADÊMICA DE R\$400



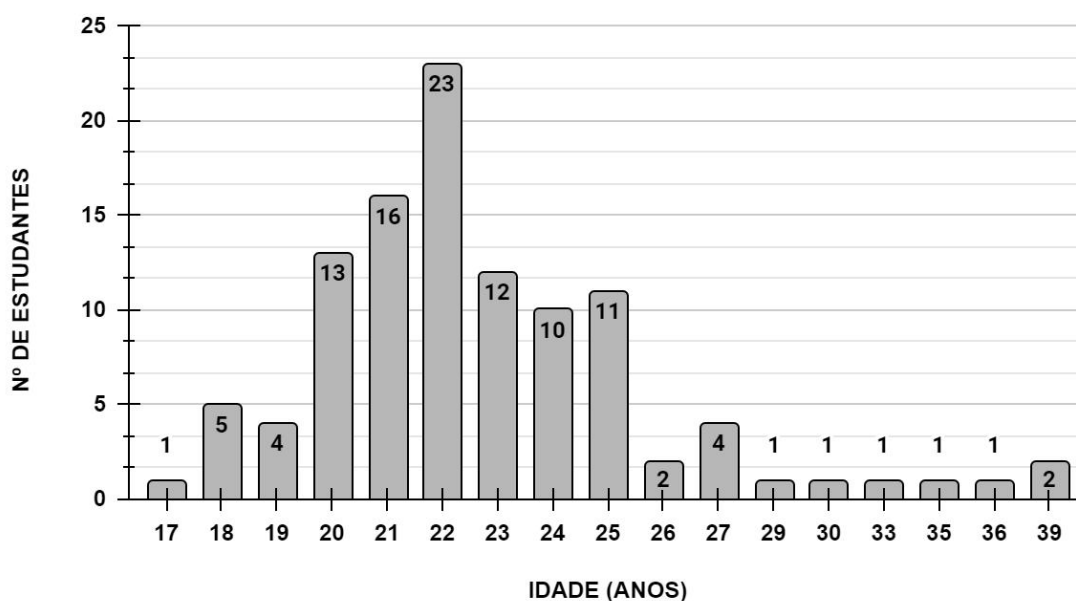
11.2 DISCENTES VINCULADOS COM PROJETOS DE PESQUISA E EXTENSÃO



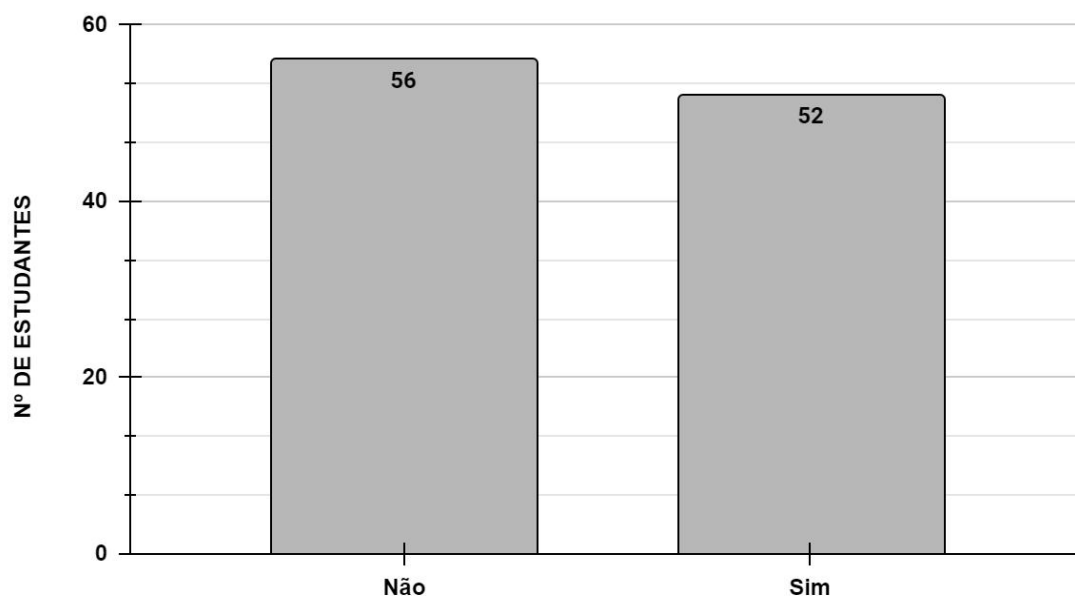
A faixa etária de maior concentração de estudantes situa-se entre 21 e 22 anos. E 51,9% do total de entrevistados não possui plano de saúde (n=56). Quando questionados sobre os impactos da pandemia de COVID-19, 52,8% dos estudantes alegaram que sua estrutura

familiar foi afetada com a pandemia (n=57), e 43,5% receberam o auxílio emergencial do governo federal (n=47) (imagem 12 e 13). Em relação ao número de estudantes que alegaram ter sua estrutura familiar afetada, a grande maioria, 22, apresentaram que a renda diminuiu durante a pandemia, enquanto 15 estudantes perderam a renda familiar por motivos de desemprego. 12 relataram que morreu algum familiar, e 10 que a saúde mental foi a grande afetada nesse período.

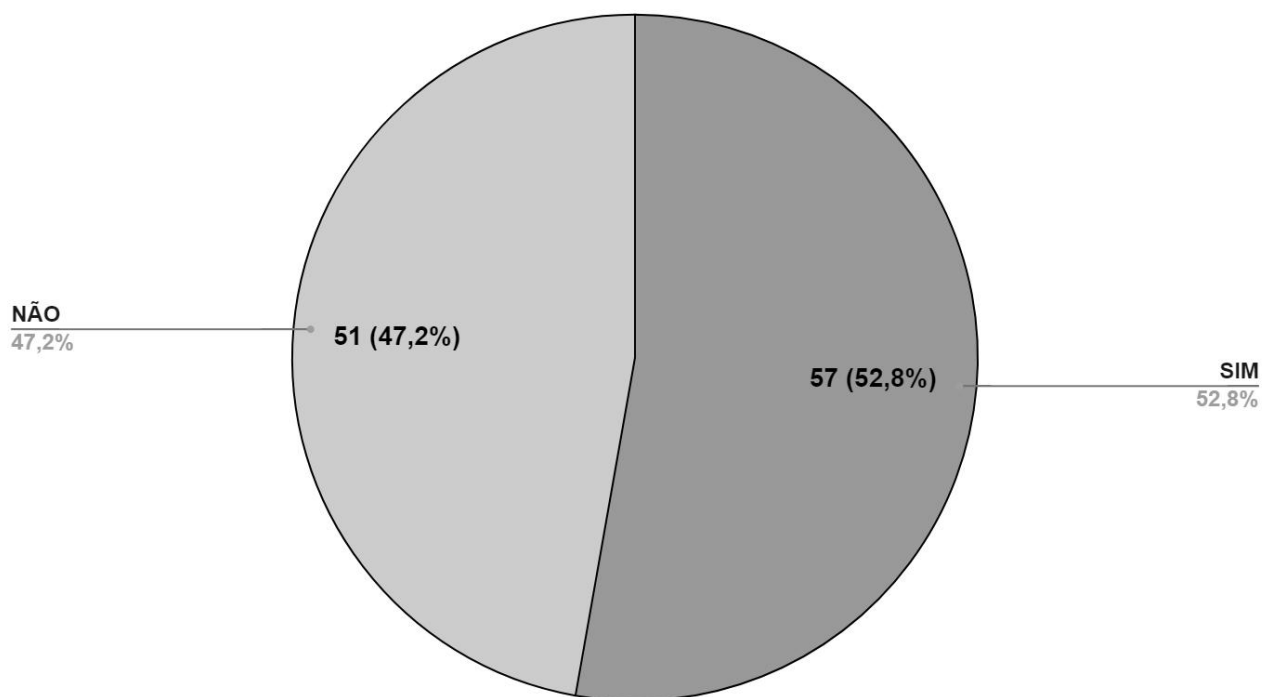
12.1 IDADE DOS DISCENTES



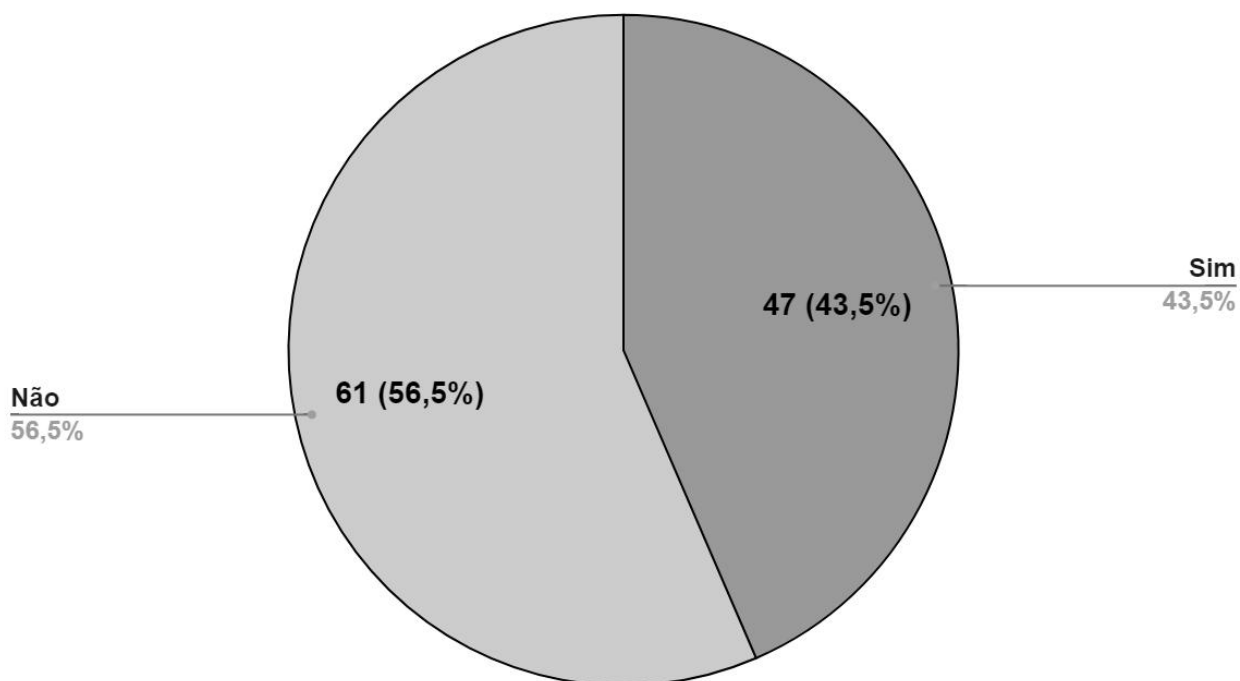
12.2 DISCENTES COM PLANO DE SAÚDE



13.1 DURANTE O CONTEXTO DE PANDEMIA A SUA ESTRUTURA FAMILIAR FOI AFETADA?



13.2 RECEBEU O AUXÍLIO EMERGENCIAL DO GOVERVO FEDERAL DE 2020 À 2021





DISCUSSÃO

A começar de 1937, a EEAN é incorporada à Universidade do Brasil, atual UFRJ, e desde a década de 20 ela é responsável pela formação universitária padrão de enfermeiras, e estava associada ao processo de branqueamento da profissionalização e formalização de um distanciamento racial e social de populações não brancas consideradas inferiores dos quadros dirigentes da Enfermagem na Primeira República, Ferreira¹¹ já afirmava ao analisar o Relatório Anual do Serviço de Enfermagem em 1926, a questão da discriminação racial na seleção de candidatas da Escola de Enfermagem Anna Nery.

Segundo a autora, já na década de 30 o Estado promove uma abertura para profissionalização de negros para o desenvolvimento econômico do país, entanto só a partir dos anos 2000 à 2012 as universidades adotam ações afirmativas para ingresso em cursos de graduação. Finalmente, em 2011, de forma tardia a UFRJ incorpora as ações afirmativas com reserva de vagas para alunos oriundos de escolas públicas, e em 2012 através da Lei de cotas acontece a reserva de vagas para estudantes negros, pardos e indígenas, as reservas de vagas são realizadas através do Sistema Integrado de Seleção Unificada (SISU) com base no resultado obtido na prova do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

É notório que o IEnf, sendo uma IES, financiada pelo REUNI consegue promover uma reconfiguração regional no norte fluminense, considerando que tal política de expansão da universidade pública envolve, de acordo com Andifes¹² a dimensão de fortalecer o desenvolvimento regional, assim, é possível observar que o corpo discente estudado em sua maioria possui naturalidade na região sudeste brasileira, e ao fazer o recorte para o estado do Rio de Janeiro, é expressivo o número de estudantes das cidades do norte fluminense e baixada litorânea. Entretanto, o curso de graduação em bacharelado em enfermagem também atrai estudantes da região do nordeste brasileiro.

O perfil de ingresso dos discentes de enfermagem do CM UFRJ-Macaé é predominante de ampla concorrência, (53,7%), enquanto o segundo perfil de ingresso é através da modalidade de autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que (ou) tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (46,4%).

Essa tendência é justificada pelo Relatório de Área do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) de 2019¹³ na qual as modalidades de ingresso citadas nesse estudo são os que apresentaram maior nota média e porcentagem, além disso, com relação

ao perfil étnico racial, conforme as classificações adotadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os dados do ENADE 2019 e os estudos de Magalhães apontam para um crescimento da parcela de discentes negros, somando pretos e pardos, e uma parcela inexistente de discentes amarelos e indígenas¹⁴.

Durante o evento realizado “10 anos da Lei de Cotas da UFRJ: avanços e desafios” pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (Lepes), da Faculdade de Educação (FE), na Escola de Química (EQ) que aconteceu dia 05/10/2022, com transmissão no *YouTube* <https://www.youtube.com/watch?v=N39mhvIyUx8>¹, é apontada em uma pesquisa em andamento em que os dados da UFRJ, entre 2013 - 2019, ocorreu um aumento na porcentagem de ingresso de pardos de 13% para 27% e o de pretos de 4% para 10%. Sendo um desafio reverter a baixa tendência de ingressantes indígenas¹⁵.

Como exemplo, o perfil discente estudado possui maioria constituída por autodeclarados brancos (43,5%) e somente 35,2% e 19,4% autodeclararam-se pardos e pretos respectivamente, se somados a população de negros é 54,6% e de acordo com dados apresentado pelo IBGE 2020¹⁶ a presença de estudantes negros no ensino superior é de 49,9%. No estudo de Corrêa et al.¹⁷ mostram que ainda há uma baixa inclusão de pretos na instituição pública de ensino superior, e apesar dos esforços governamentais para facilitar o acesso da população negra, amarela e indígena às Instituições de Ensino Superior (IES), o perfil dos enfermeiros no Brasil, de acordo com a pesquisa “Perfil da enfermagem no Brasil” conveniado pelo Cofen/Fiocruz publicado em 2017, apresenta que a maioria dos enfermeiros (57,9%) se consideram brancos.

O perfil em relação a identidade de gênero dos discentes estudados, corrobora com os estudos de Machado¹⁸, onde é apontado que a feminilização histórica da enfermagem ainda é majoritária, sendo o perfil nacional de enfermeiros de 86,2% de mulheres, o que é apontado por Lombardi¹⁹ que a enfermagem através da sua divisão histórica do trabalho, reproduz novas hierarquias de autoridade, de prestígio e remuneração, e mantêm-se como porta de entrada para o mercado de trabalho para mulheres, pobres e negros.

Assim, a baixa valorização da profissão se expressa como uma reatualização do sexismo que dita a desvalorização do trabalho de cuidado, que é historicamente feminilizado¹⁹ e no caso específico da enfermagem pretensamente subordinado ao saber masculino

¹ Vídeo transmissão intitulada “10 Anos da Lei de Cotas na UFRJ”, apresentada em 5 de outubro de 2022, expondo dados da referência 15 do presente estudo.

representado pelo saber médico. No caso da enfermagem brasileira esta conjuntura de desvalorização precisa ainda ser compreendida ainda em articulação com as marcas estruturantes da sociedade brasileira que projeta desigualdades de raça e classe sobre estas profissionais.

No que se refere ao estado civil, houve uma predominância de ingressantes que declararam estado civil solteiro (87%), tal fato reforça os estudos de Donati et al.²⁰ que ao considerar a modalidade do curso presencial e de turno integral, aponta que o ingresso de estudantes solteiros e jovens determina sua dedicação à demasiada carga horária do curso. Sendo o curso de graduação estudado, o segundo mais longo do estado do RJ com um total de 5.475 horas, enquanto a EEAN possui um total de 4.390 horas. Em primeiro lugar encontra-se o curso de enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com 5.850 horas, e em terceiro lugar o curso de enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) com 5.440 horas.

Ao questionar a sexualidade dos discentes do curso estudado, é possível observar que 73,1% se identifica enquanto heterossexual e 25% faz parte da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersex, agêneros, assexuados e mais), e de acordo Mullin et al.²¹ essa comunidade apresentou piores índices de saúde mental durante a pandemia de COVID-19, com maiores riscos de sofrer violência, desenvolver depressão e até suicídio, como apontado pelos estudos de Runkle et al.²².

Considerando que pouco mais da metade do total de discentes do curso apresentou impactos relacionado à pandemia, como a perda de renda e a saúde mental e conforme Scroggs²³ a comunidade LGBTQIA+ com a pandemia tem maiores riscos de diminuir sua conexão com a comunidade e a perda de esperanças no futuro, o que impacta diretamente na sua permanência na universidade.

No momento epidemiológico da pandemia da covid-19, Crepaldi²⁴ apresenta em seus estudos que estresse, ansiedade e até sentimentos depressivos foram comuns entre a população, a partir do momento que compartilhavam entre si inseguranças relacionadas à mudança na rotina, distanciamento físico e social, prevenção do vírus, perda de renda, o fechamento do comércio e o medo da morte.

Em relação à espiritualidade e a religiosidade, Sant'Ana et al.²⁵ reflete que ambas exercem esse papel acolhedor e humanizado, em situações de medo e morte, sendo a fé

necessária para orientar valores de esperança, os discentes apresentaram um perfil majoritário de estudantes que declararam exercer sua fé.

Os estudos disponíveis na literatura sobre o perfil discente e perfil nacional de enfermeiros não abordam questões acerca da sua sexualidade e religião, o que corporifica para a necessidade de maiores estudos abordando o perfil da diversidade sexual e de espiritualidade dos graduandos de bacharelado em enfermagem, uma vez que ao identificar as necessidades dos discentes é possível planejar e investir em ações para assegurar a permanência até a colação de grau.

Analisando a renda dos discentes, encontramos um número de: 50 (46,2) que não possui renda e seus gastos são financiados pela família ou outra pessoa 22 (20,37) apresentaram que não tem renda porém seus gastos são financiados por programas governamentais 22 (20,37%) possuem renda e ajuda familiar em seus gastos.

Enquanto o perfil de rendimento familiar do curso encontra-se majoritariamente entre 1,5 salário mínimo a 3 salários mínimos, e o rendimento médio mensal em todos os trabalhos pelas pessoas ocupadas de acordo com o IBGE 2022²⁶ é de R\$ 2.737, aproximadamente 2,2 salários mínimos, o salário mínimo tem seu piso, em 2022, de R\$ 1.212 e o que aponta para um perfil discente que pertence à classe de trabalhadores e de beneficiários de políticas públicas de apoio financeiro.

Ao questionar aos discentes estudado se participam de algum projeto de ensino, pesquisa e extensão, 88, responderam que fazem parte, porém ao perguntar se são integrantes bolsistas de incentivo à produção de conhecimento científico, 75, responderam que não recebem, enquanto 27 discentes recebem bolsa de R\$ 400,00 através de projetos de iniciação científica, extensão, monitoria, e pelo Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PETSaúde). Quando questionado em relação ao vínculo em políticas de assistência estudantil da PR7, 76, não recebem nenhum tipo de auxílio estudantil, enquanto 32 discentes são beneficiários. Já em relação a idade dos discentes é observado que a faixa etária predominante é entre jovens de 20 - 25 anos, assim, o curso ele cumpre com uma das diretrizes do REUNI de aumentar a oferta de vagas para o público jovem.

Tal fato apresenta desafios frente formação profissional desse perfil discente, como aponta Maldonado et al.²⁷ que essa juventude universitária enfrenta diversos desafios quando chegam a IES que na sua criação não foram pensada para elas, e isso reflete atualmente em incertezas não apenas ao acesso, mas na permanência, frente a uma série de necessidades,

sobretudo relacionada ao capital econômico, e afiliação aos grupos de pesquisa, ensino e extensão. Santos²⁸, em seus estudos aponta que a democratização do acesso não possibilitou a democratização do conhecimento, entendendo que os critérios de seleção nesses grupos são rigorosos, sendo necessário promover novas possibilidades de desenvolvimento de conhecimento científico para juventude trabalhadora e universitária.

Visto isso, o acesso à universidade é contraponto quando pensamos na permanência universitária, de acordo com dados obtidos dados emitidos pela Divisão Pedagógica da PR7, e coletado pela PR7 núcleo Macaé, durante a pandemia, compreendida entre os anos de 2020 até 2021.2, o CM UFRJ Macaé teve um total de 523 (quinhentos e vinte e três) estudantes assistidos com bolsas da PR7. Desse total de estudantes bolsistas, 96 estudantes eram do curso de Enfermagem. Logo, o IEnf detinha cerca de 18,35% do total de bolsas da PR7-Macaé.

Ao analisar os estudos de Lourenço et al.²⁹ onde é possível observar a ponto da mudança de perfil da população relacionado à abrangência da rede de saúde, com a crise do petróleo enfrentada nos últimos dez anos, a população de Macaé tenha atualmente um perfil de 43% de cobertura por planos de saúde, com destaque para 57% da população com dependência pela rede pública.

Como exemplo, o perfil discente estudado tem 51,8% de discentes com dependência pelo SUS para 48,1% com planos de saúde, porém, cabe ressaltar que por mais que a cidade tenha quatro institutos de saúde, ela não possui serviço de atendimento ambulatorial nas suas instalações para seu corpo discente e social, e também não possui nenhuma unidade de saúde universitária para formação profissional, sendo o curso de bacharelado em enfermagem dependente da rede de atenção à saúde de Macaé para formar novos enfermeiros.

Por fim, é importante pensar as políticas públicas de acesso e de permanência nas IES contrariando uma lógica universalista, mas compondo a interseccionalidade para compreensão social a partir das múltiplas opressões que atravessam a existência singular de cada discente, em todos os contextos, uma vez que mulheres-negras-jovens-lésbicas-pobres ou jovens-gays-negros-pobres almejam acesso a serviços públicos de qualidade, sem privilégios de classe, escolarização, raça/etnia, sexualidade, nacionalidade e filiação religiosa, superando uma lógica racista na formação em saúde, e nas relações de trabalho dentro da equipe de enfermagem^{30; 10}.

CONCLUSÃO

No cenário de expansão das IES a implementação do curso de bacharelado em enfermagem do IEnf/CM UFRJ-Macaé promoveu o acesso de discentes no que se refere, principalmente, ao público da região do norte fluminense, jovem, feminino, de negros e trabalhadores, apresentando um perfil que mantém a profissionalização da enfermagem no Brasil a partir da interseccionalidade de gênero, raça e classe. Porém, esse cenário também reflete a precarização do ensino público de qualidade no interior do país, quando refletimos que existem poucas estratégias de abordagem interseccional para permanência e seu desenvolvimento acadêmico.

A pandemia e a pós-pandemia com seus desdobramentos econômicos, políticos e sociais implicam a intensificação de problemas de saúde mental e pouco envolvimento dos discentes com atividades de pesquisa e extensão, o que pode refletir na manutenção de privilégios históricos, sociais e econômicos no perfil de enfermeiros.

Todavia, um acompanhamento cuidadoso, nos próximos anos, pela coordenação de curso e direção do IEnf para olhar para as especificidades desse perfil, dado que nesses dez anos de lei de cotas, o perfil de enfermeiros segue sendo majoritariamente de mulheres brancas. A democratização do acesso e da permanência precisam refletir as necessidades da sociedade macaense, em todos os contextos sociais e sanitários, que sua população de pardos, pretos, indígenas, pobres, mulheres e LGBTQIAP+, sejam futuros enfermeiros comprometidos com o desenvolvimento regional, com o SUS, com a educação pública e com a promoção da cidadania e democracia. Assim, essa instituição possa aprender com a diversidade para construir um espaço mais plural e justo, sendo necessário mais pesquisas e estudos com análise interseccional de temas como: (1) Elaboração de currículos e políticas curriculares voltadas para uma formação humanizada, antirracista, antisexistista, anticlassista e antiLGBTQIAP+fobia e compatíveis com a realidade de jovens trabalhadores universitários; (2) Discentes bolsistas dos diversos programas de repasses de apoio financeiro; (3) Evasão universitária; (4) Discentes que obtêm o título de bacharel em Enfermagem; (5) Região/cidade e centralidade do trabalho dos egressos.

É preciso também fortalecer uma integração e interiorização da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), Articulação Nacional da Enfermagem Negra (ANEn), Movimento da Reforma Sanitária Brasileira (MRSB) como estratégias intersetoriais para promoção da



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ – MACAÉ

INSTITUTO DE ENFERMAGEM



equidade, manutenção de políticas públicas de permanência estudantil, e para correções de assimetrias sociais e acadêmicas na formação de enfermeiras.



REFERÊNCIAS

¹ ANTUNES, V. V. **Expansão e democratização universitária: a implementação do REUNI na Universidade Federal do Rio de Janeiro.** Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 91-99, 10 de nov. 2016. Semestral. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11478>. Acesso em: 10 de nov. 2016.

² BRASIL. **Decreto nº 6096, de 24 de abril de 2007.** Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília, 24 de abril de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

³ BRASIL. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **REUNI e a expansão da UFRJ.** Conexão UFRJ – 26 de junho de 2007. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2007/06/reuni-e-a-expansao-da-ufrj/> Acesso em 10 set. 2022.

⁴ BRASIL. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Portal Macaé UFRJ – Centro Disciplinar UFRJ Macaé.** Disponível em: https://portal.macaee.ufrj.br/pt_br/sobre-o-centro/ / https://xn--graduao-2wa9a.ufrj.br/images/_PR-1/CEG/Resolucoes/2020-2029/RESCEG-2020_04.pdf. Acesso em 10 set. 2022.

⁵ BRASIL. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Portal Macaé UFRJ – Centro Disciplinar UFRJ Macaé: Instituto de Enfermagem.** Disponível em: https://portal.macaee.ufrj.br/pt_br/instituto-de-enfermagem/ Acesso em 10 set. 2022.

⁶ BRASIL. Universidade Federal do Rio de Janeiro – **Período Letivo Especial: PLE.** Resolução Conselho de Ensino de Graduação – CEG nº 03, de 17 de jun. de 2020. Disponível em: https://xn--graduao-2wa9a.ufrj.br/images/_PR-1/CEG/Resolucoes/2020-2029/RESCEG-2020_03.pdf



⁷ AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo - Sueli Carneiro; Editora Pólen, 152p., Coleção Feminismos Plurais - coordenação de Djamila Ribeiro, ISBN 978-85-98349-69-5, 2019.

⁸ COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. São Paulo. Boitempo. 2020.

⁹ FARRANHA, A. C.; SENA, L. **Interseccionalidade e Políticas Públicas: Avaliação e Abordagens no Campo do Estudo do Direito e da Análise de Políticas Públicas**. Revista Aval, vol. 5, N^o19, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63395/1/2021_art_acfarranhalssilva.pdf

¹⁰ FERREIRA, S.C.; JESUS, L.C. de; PINTO, A.J.C.C. **A produção do saber-cuidar em enfermagem a partir das interseccionalidades étnico-raciais, de classe e de gênero no brasil**. Cenas Educacionais, Caetité-Bahia -Brasil, v.4, n.e11858, p.1-21, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11858/8627>

¹¹ FERREIRA, M.C.L.; SENA, A.R.M.F.; BARREIRA, I.A. **Minorias discriminadas e trabalho qualificado: o acesso de mulheres negras à Enfermagem profissional nos anos 30***. Esc. Anna Nery ;3(1):43-57, 1999.

¹² ANDIFES. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). **Uma agenda de desenvolvimento para as Universidades Federais**. Brasília – DF, 2014. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/07/PDU-formato-site.pdf> Acessado em: 5 de set. de 2022.

¹³ BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Relatório de curso: Enfermagem: Universidade Federal do Rio de Janeiro: Macaé - 121848. ENADE. Brasília: Inep, 2019.

¹⁴ MAGALHÃES, R. P. de; MENEZES, S. C. de. **Ação afirmativa na UFRJ: a implantação de uma política e os dilemas da permanência**. O Social em Questão - Ano XVII - n^o 32 –



2014. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_32_3_Magalhaes_Menezes_WEB.pdf

¹⁵ OLIVEIRA, A. J. B. de; HONORATO, G. de S. **Desafios para o ensino superior brasileiro no contexto contemporâneo.** Organizadores Antonio José Barbosa de Oliveira; Gabriela de Souza Honorato. – Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, UFRJ, 154 p. : il. ; 21cm. – Cadernos LEPES; v. 3, 2020.

¹⁶ BRASIL. **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira:2020/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais.** - Rio de Janeiro : IBGE, 148 p. : il. - (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, ISSN 1516-3296 ; n. 43), 2020.

¹⁷ BRASIL. CORRÊA et. al. **Retrato das desigualdades de gênero e raça.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 39 p. : il., ISBN 857811122-2. Com a participação de: ONU Mulheres, Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), 2011.

¹⁸ MACHADO, M. H. **Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final.** Brasil - Coordenado por Maria Helena Machado. — Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz, 2017.

¹⁹ LOMBARDI M.R.; CAMPOS V.P. **A Enfermagem no Brasil e os Contornos de Gênero, Raça/Cor e Classe Social na Formação do Campo Profissional.** ABET [Internet], 17(1), 1º de agosto de 2018; Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/41162>. Acessado em: 6 de set. de 2022.

²⁰ DONATI, L. J. A. et al. **O perfil do estudante ingressante no curso de graduação em enfermagem de uma faculdade privada.** Revista Enfermagem UERJ, v. 18, n. 3, p. 446–450, 2010.

²¹ MULLIN, E. M. et al. **Impact of COVID-19 restrictions on mental health and physical activity among LGBQAP and heterosexual adults.** Journal Of Gay & Lesbian Mental



Health, [S.L.], p. 1-18, 21 dez. 2021. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1080/19359705.2021.1995097>.

²² RUNKLE, J. D. et al. **Crisis Response and Suicidal Patterns in U.S. Youth Before and During COVID-19: a latent class analysis.** Journal Of Adolescent Health, [S.L.], v. 70, n. 1, p. 48-56, jan. 2022. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2021.10.003>.

²³ SCROGGS, B. et al. **COVID-19 and LGBTQ Emerging Adults: risk in the face of social distancing.** Emerging Adulthood, [S.L.], v. 9, n. 5, p. 639- 644, 28 out. 2020. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1177/2167696820968699>.

²⁴ CREPALDI M.A.; SCHMIDT B.; NOAL D.S.; BOLZE S.D.A.; GABARRA L.M. **Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas.** Estudos de Psicologia, Campinas, 37 (200090), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/> Acesso em 27 out. 2022.

²⁵ SANT'ANA G.; SILVA C.D.; VASCONCELOS M.B.A. **Espiritualidade e a pandemia da COVID-19: um estudo bibliográfico.** Com. Ciências Saúde, 31(3):71-77, 2020. Disponível em: http://repositorio.fepecs.edu.br:8080/jspui/bitstream/prefix/190/1/ojs%2C%2B726-FINAL_Espiritualidade-e-pandemia.pdf. Acesso em 27 out. 2022.

²⁶ BRASIL. IBGE – **Indicadores - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** – 2022. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3086/pnacm_2022_set.pdf. Acessado em: 02 de nov. de 2022.

²⁷ MALDONADO, L; CAPULO, S. **Juventudes, a universidade é para todos? A importância do engagement estudantil no ensino superior, aspectos da realidade para a não evasão.** EDIPUCRS, 2018. Disponível em:
<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/cidu/assets/edicoes/2018/arquivos/449.pdf>



²⁸ SANTOS, J. R. de J. **Juventude, universidade e conhecimento. O agir prático das juventudes nos fazeres da universidade.** TESE (DOUTORADO). Universidade Federal da Bahia - UFBA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24061/1/JUVENTUDE%20UNIVERSIDADE%20CONHECIMENTO.pdf>. Acessado em: 28/10/2022.

²⁹ LOURENÇO, A. E. P. et al. **Trajetória da Atenção à Saúde em Macaé: Desafios e Perspectivas. Macae, do caos ao conhecimento: Olhares acadêmicos sobre o cenário de crise econômica**, p. 576, 2019.

³⁰ MELLO, L.; GONÇALVES, E. **Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde.** Revista Cronos, v. 11, n. 2, 2012.